

Paulo Bernardino

composição

António Arnaut

textos

Joana Costa

ilustrações

Cantata de Natal  
**O pássaro azul**





Paulo Bernardino

composição

António Arnaut

textos

Joana Costa

ilustrações

Cantata de Natal  
**O pássaro azul**



***Edição***

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
imprensa@uc.pt  
[https://www.uc.pt/imprensa\\_uc](https://www.uc.pt/imprensa_uc)  
<https://livrariadaimprensa.uc.pt>

***Coordenação editorial***

Maria João Padez

***Composição***

Paulo Bernardino

***Textos***

António Arnaut

***Tradução***

Célia Bernardino

***Ilustrações***

Joana Costa

***ISBN***

978-989-26-2459-4

***e-ISBN***

978-989-26-2460-0

***DOI***

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2460-0>

***Impressão***

Artipol

***Depósito Legal***

515859/23

© Maio 2023. Imprensa da universidade de Coimbra





## Índice / Contents / Inhalt

Cantar Natal todos os dias <i>Singing Christmas Every Day</i> Weihnachten Singen jeden Tag	9
Prefácio/ <i>Preface</i> /Vorwort	11
Notas performativas e Instrumentação <i>Performative Notes and Instrumentation</i> Performative Noten und Instrumentierung	13
Quadro I/ <i>Part I</i> / Teil I	17
1 - Primeiro Poema de Natal – 19	
2 - Fogueira apagada – 23	
3 - Uma vez – 29	
Quadro II/ <i>Part II</i> / Teil II	61
4 - Nesta Noite – 65	
5 - A Oriente – 86	
6 - Música suave – 96	
Quadro III/ <i>Part III</i> / Teil III	121
7 - Escrevo Natal – 128	
8 - Dezembro – 135	
9 - A Palavra – 146	
10 - Oração – 159	
Partes Cavas Orquestra e Coro (Códigos QR) <i>Orchestral material and Choral Score (QR Codes)</i> Orchestermaterial und Chorpartitur (QR-Codes)	180





## Cantar Natal todos os dias

António Arnaut é conhecido do grande público sobretudo na qualidade de jurista renomado e estadista de projeção internacional, ligado à criação do Serviço Nacional de Saúde, razão pela qual lhe é atribuída frequentemente a designação de “Pai do SNS”. Contudo, A. Arnaut percorreu também, com grande assiduidade, os caminhos da criação literária, sendo autor de contos, de um romance e, em particular, de uma abundante produção poética, publicada ao longo de dezenas de anos e finalmente reunida num sólido volume de quase quinhentas páginas, intitulado *Recolha Poética* e publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em 2017. É assim altamente simbólico que a editora da instituição que, em 2014, atribuiu o Doutoramento *honoris causa* a A. Arnaut, publique agora também a obra musical *Cantata de Natal “O Pássaro Azul”*, da autoria do Maestro Paulo Bernardino. A narrativa literária e conceptual que lhe subjaz é baseada no livro *O Pássaro Azul: Contos e Poemas de Natal*, publicado inicialmente em 1998 e integrado depois na já referida *Recolha Poética* de A. Arnaut.

A composição musical de Paulo Bernardino teve a sua estreia no dia 8 de dezembro de 2022, encerrando a 4ª edição do Ciclo de Música *Orphika*, promovido pela Universidade de Coimbra, num concerto apoiado igualmente pelo Município de Coimbra. A estreia desta obra atraiu ao grande auditório do Convento São Francisco centenas de pessoas, que a saudaram de forma entusiástica, não só pela inerente qualidade artística e performativa, mas também pela forma como valoriza a poesia de A. Arnaut e o dinamismo cultural da cidade onde viveu.

Apesar de, em momentos vários da sua produção poética, A. Arnaut assumir um posicionamento marcado por certo agnosticismo programático, ainda assim a sua poesia é também profundamente influenciada pelo imaginário cristão, naquilo que tem de mais intuitivo, puro e singelo. É precisamente como contraponto a outros versos marcados por um sentimento de tempo de finitude, da consciência terminal da vida, que a imagem da esperança se afirma, com discreta mas intensa luminosidade, nas composições que abordam o Natal, enquanto momento de eleição para exprimir a fraternidade, a inocência pura e a esperança na renovação da Humanidade. Nelas ressalta a imagem despojada do Menino Jesus, por estimular em A. Arnaut a irmanação cósmica com a beleza dos gestos simples e a força inamovível que o liga aos elos mais fracos e desprotegidos das franjas da sociedade, com os quais o sentimento e a razão do poeta plenamente se alinham. A música de Paulo Bernardino sublinha e expande, precisamente, esses momentos de intensa expressão poética e do genuíno empenho cívico que lhes assiste. A. Arnaut teria certamente apreciado e aprovado.

Delfim Leão

Vice-Reitor para Cultura, Comunicação e  
Ciência Aberta  
Universidade de Coimbra

## Singing Christmas Every Day

António Arnaut is best known as a renowned lawyer and statesman of international standing who, being involved in the creation of the National Health Service (SNS), is often referred to as the “father of the SNS”. However, A. Arnaut also pursued the paths of literary creation with great zeal, writing short stories, a novel and, above all, an extensive body of poetic work, which was published over decades and finally collected in a remarkable anthology of almost five hundred pages entitled *Recolha Poética*, published by Coimbra University Press in 2017. It is therefore highly symbolic that the publishing house of the same institution which awarded A. Arnaut an *honorary doctorate* in 2014, is now publishing the musical work *Cantata de Natal “O Pássaro Azul”* by Maestro Paulo Bernardino. Its underlying literary and conceptual narrative is based on the work *O Pássaro Azul: Contos e Poemas de Natal*, originally published in 1998 and later integrated into the aforementioned anthology *Recolha Poética* Arnauts.

Paulo Bernardino's musical composition was premièred on December 8, 2022 at the end of the fourth edition of the *Orphika Music Cycle*, sponsored by the University of Coimbra, in a concert supported by Coimbra's City Council. The premiere of this work at the large auditorium of the São Francisco Monastery earned high praise from the large audience, not only thanks to the artistic and performing quality but also because of how it pays tribute to the poetry of A. Arnaut and the cultural dynamism of the city where he lived.

While A. Arnaut stance is marked by a certain programmatic agnosticism in several phases of his poetic work, his poetry is also deeply influenced by the Christian imagery, though in an intuitive, pure and sincere way. And it is precisely as a counterpoint to other verses marked by a sense of finitude, of the end-consciousness of life, that the image of hope is avowed with discreet but intense luminosity of compositions dealing with Christmas, as a chosen time of brotherhood, of pure innocence and hope for the renewal of humanity. They highlight the devoid image of the Child Jesus, as it stimulates in A. Arnaut's the cosmic attachment to the beauty of simple gestures and the unwavering strength that bind him to the weakest and most defenceless on the margins of society, with whom the poet's feeling and reason is always in harmony. Paulo Bernardino's music would certainly have enjoyed the appreciation and approval of A. Arnaut since it underlines and expands precisely the particular moments of intense poetic expression and upright civic commitment.

Delfim Leão

Vice Rector for Culture, Communication and  
Open Science  
University of Coimbra

## Weihnachten Singen jeden Tag

António Arnaut ist der breiten Öffentlichkeit vor allem als renommierter Jurist und Staatsmann von internationalem Rang bekannt, der an der Schaffung des Nationalen Gesundheitsdienstes (SNS) beteiligt war, weshalb er auch oft als “Vater des SNS” bezeichnet wird. A. Arnaut verfolgte jedoch auch mit großem Eifer die Pfade des literarischen Schaffens, indem er Kurzgeschichten, einen Roman und vor allem ein umfangreiches poetisches Werk verfasste, welches über Jahrzehnte hinweg veröffentlicht und schließlich in einer beachtlichen Anthologie von fast fünfhundert Seiten mit dem Titel *Recolha Poética* gesammelt und 2017 von der Coimbra University Press veröffentlicht wurde. Es ist daher von höchst symbolischer Bedeutung, dass der Verlag der gleichen Institution, die A. Arnaut 2014 die *Ehrendoktorwürde* verliehen hat, nun auch das musikalische Werk *Cantata de Natal “O Pássaro Azul”* von Maestro Paulo Bernardino veröffentlicht. Die ihr zugrunde liegende literarische und konzeptionelle Erzählung basiert auf dem Werk *O Pássaro Azul: Contos e Poemas de Natal*, das ursprünglich 1998 veröffentlicht und später in die bereits erwähnte Anthologie *Recolha Poética* Arnauts integriert wurde.

Paulo Bernardinos musikalische Komposition wurde am 8. Dezember 2022 zum Abschluss der 4. Ausgabe des *Orphika-Musikzyklus*, welcher die Förderung der Universität Coimbra erhält, in einem Konzert uraufgeführt, das seitens der Stadtverwaltung Coimbra unterstützt wurde. Die Uraufführung dieses Werks im großen Auditorium des Klosters São Francisco wurde nicht nur dank der künstlerischen und darstellerischen Qualität vom großen Publikum mit Begeisterung aufgenommen, sondern auch wegen der Art und Weise, wie es die Poesie von A. Arnaut und die kulturelle Dynamik der Stadt, in der er lebte, würdigt.

Obwohl A. Arnaut in mehreren Phasen seines poetischen Schaffens eine Position einnimmt, welche von einem gewissen programmatischen Agnostizismus geprägt ist, ist seine Poesie auch zutiefst von der christlichen Vorstellungswelt beeinflusst, jedoch eher in einer intuitiven, reinen und einfachen Weise. Und gerade als Kontrapunkt zu anderen Versen, die von einem Gefühl der Endlichkeit, des Endbewusstseins des Lebens geprägt sind, wird das Bild der Hoffnung mit diskreter, aber intensiver Leuchtkraft der Kompositionen bekräftigt, die sich mit Weihnachten, als auserwählte Zeit der Brüderlichkeit, der reinen Unschuld und Hoffnung auf die Erneuerung der Menschheit, beschäftigen. In ihnen sticht das nüchterne Bild des Jesuskinds hervor, welches, stimuliert durch A. Arnauts kosmische Verbundenheit mit der Schönheit der einfachen Gesten und der unerschütterlichen Kraft, die ihn mit den Schwächsten und Schutzlosesten am Rande der Gesellschaft verbindet, mit dem Gefühl und der Vernunft des Dichters stets in Einklang steht. Sicherlich hätte die Musik von Paulo Bernardino, deren Gestaltung genau diese Augenblicke intensiven poetischen Ausdrucks und des aufrechten bürgerlichen Engagements unterstreicht und erweitert, die Wertschätzung und Billigung A. Arnauts genossen.

Delfim Leão

Vize rektor für Kultur, Kommunikation und  
offene Wissenschaft  
Universität von Coimbra



## Prefácio

António Arnaut: “pai” do Serviço Nacional de Saúde. Pessoalmente, enquanto compositor seu conterrâneo, conheci-o sobretudo enquanto escritor. Para mim, verdadeiros “momentos *kairóticos*” aqueles que me foram permitidos viver na sua companhia. Ambos partilhávamos o mesmo pensamento político, o afeto pela nossa terra natal (Penela) e o amor à nossa “lusa Atenas”. Ofereceu-me livros seus, todos autografados com a muita estima que tinha ao “maestro” da sua terra. Contudo, a obra que mais me tocou fui encontrá-la numa das noites da Feira Cultural de Coimbra, realizada no Parque Manuel Braga, no *stand* da sua Biblioteca Municipal: “*O Pássaro Azul*”. Num ápice, li-a de “fio a pavio”. Sempre se declarara agnóstico, mas ali encontrei – tão raro nos dias que correm – o verdadeiro espírito natalício cristão. Nada de luzes ou de enfeites... Nada de grandes festas ou banquetes... ali sofre o homem por todos os esquecidos da Humanidade. Uns festejam o “Natal”, ele celebra o amor... Nesse momento, nasceu em mim o desejo de colocar em música esta poesia já por si musical. Tinha em grande apreço a orquestra da sua cidade, eu, os seus coros. Com o programa “Garantir Cultura”, chegara a hora de “dar asas” ao seu “pássaro azul”, transpondo estes textos admiráveis para o formato coral sinfónico, em homenagem não só a todos os artistas que tanto sofreram com a pandemia, mas também à bravura do Serviço Nacional de Saúde, na esperança de que as suas palavras possam apelar à mais profunda e sentida humanidade dentro de cada um de nós.

“*O Pássaro Azul – Contos e Poemas de Natal*” é uma obra de poesia e ficção da autoria de António Arnaut (1936-2018), publicada em 1998 pela Coimbra Editora. O autor, nascido na Venda das Figueiras, na freguesia da Cumeieira (Penela), foi advogado, político e escritor. Ativista contra a ditadura, foi membro da Ação Socialista e candidato a deputado pela Oposição Democrática (1969). Fundador do Partido Socialista, foi deputado e ministro dos Assuntos Sociais do II Governo de Mário Soares. É autor da lei que criou o Serviço Nacional de Saúde (SNS), em cuja defesa tanto se empenhou, o que lhe valeu várias distinções e prémios. A Universidade de Coimbra conferiu-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*, pela sua ação cívica em defesa do SNS, e o Presidente da República atribuiu-lhe a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, em 25 de abril de 2016. Tem mais de 30 títulos publicados, de poesia, ficção, ensaio e intervenção cívica. Já na fase final da sua vida, estabeleceu um protocolo com a Imprensa da Universidade de Coimbra que se comprometeu a publicar a sua obra na íntegra e na qual se inclui também esta cantata que aqui se apresenta.

Integrada no IV Ciclo de Música Orphika patrocinado pela Universidade de Coimbra e apoiada pelo município de Coimbra – que a incluiu na abertura das comemorações do

## Preface

António Arnaut is seen by many as the “father” of the SNS, the Portuguese National Healthcare System. As a composer, whose origins can be traced back to the same hometown, I had the pleasure to know him mainly as a writer. But genuine “*kairotic* moments” were those in which I was allowed to experience his company. We shared the same political thinking, the affection for our hometown, Penela, and the love for Coimbra, our so-called “Lusitanian Athens”. He gave me his books, which were all signed with the greatest admiration he had for me, the “maestro” of his birthplace. Nevertheless, the work, which touched me the most, I would find one evening during Coimbra’s Cultural Fair. In the Manuel Braga Park, at the information desk of the municipal library, I found the anthology “*O Pássaro Azul*”. I read it in no time. Arnaut had always declared himself agnostic, but I encountered in his tales – so rare these days – the true Christian Christmas spirit. No lights or Christmas decorations... No great feasts or festive tables... In his tales, the human being suffers for all who have been forgotten by humanity. Some celebrate “Christmas”, he celebrates love... At that moment, the desire arose in me to set these tales to music. The admiration António Arnaut felt for his city’s orchestra, I had in turn for its choirs. With the programme “Granting Culture”, it was time to give wings to his “blue bird” by translating these remarkable texts into a symphonic choir format. It is meant as a tribute, not only to all the artists who have suffered so much during the pandemic, but also to the commitment of the National Health Service, in the hope that its words may appeal to the deepest and most intimate humanity in each of us.

“*The Blue Bird – Christmas Tales and Poems*” is a poetic and fictional work by António Arnaut (1936-2018), published by Coimbra Editora in 1998. António Arnaut was born in Venda das Figueiras, in the parish of Cumeieira, Penela. He was a lawyer, politician and writer. He was also a political activist during Salazar’s dictatorship, when he became a member of the Socialist Action and stood as a candidate for the Democratic Opposition (1969). He co-founded the Socialist Party, he was elected as a member of parliament and during the second government of Mário Soares, in which he was a Minister of Social Affairs, he created the Portuguese National Health Service (SNS), which earned him several awards. The University of Coimbra awarded him the title of Doctor *Honoris Causa* for upholding the SNS, and the President of the Republic awarded him the Grand Cross of the Order of Freedom on 25 April 2016. Arnaut published 30 titles in the fields of poetry, fiction, essay and public intervention. Already in the latter phase of his life, he signed a contract with the publisher of the University of Coimbra in which the latter committed itself to the complete publication of his work, which also includes this cantata.

The premier of the Christmas Cantata “*O Pássaro Azul*” took place on 8 December 2022 in the concert hall of the Convent São

## Vorwort

António Arnaut wird von vielen als der „Vater“ des portugiesischen Gesundheitswesens betrachtet. Als Komponist aus seiner Heimat, habe ich ihn vor allem als Schriftsteller kennengelernt. Wahre „*kairotische* Momente“ waren für mich die, die ich in seiner Gesellschaft erleben durfte. Wir teilten beide das gleiche politische Denken, die Zuneigung zu unserer Heimat, Penela, und die Liebe zu Coimbra, unserem „portugiesischen Athen“. Er schenkte mir seine Bücher, alle signiert mit der großen Wertschätzung, die er für den „Maestro“ seiner Heimat hatte. Das Werk, das mich jedoch am meisten berührt hat, habe ich an einem Abend während der Feira Cultural de Coimbra gefunden. Im Park Manuel Braga, am Infostand der Stadtbibliothek, fand ich die Anthologie „*O Pássaro Azul*“. Im Nu habe ich sie gelesen. Arnaut hatte sich immer zum Agnostiker erklärt, aber in seinen Erzählungen traf ich – in der heutigen Zeit so selten – den wahren christlichen Weihnachtsgeist. Keine Lichter oder Weihnachtsschmuck... Keine großen Feste oder Festtafeln... In seinen Erzählungen leidet der Mensch für alle, die von der Menschheit in Vergessenheit geraten sind. Manche feiern „Weihnachten“, er feiert die Liebe... In diesem Moment entstand in mir der Wunsch, diese Geschichten zu vertonen. Die Wertschätzung, die António Arnaut für das Orchester seiner Stadt entgegenbrachte, hatte ich wiederum für ihre Chöre. Mit dem Programm “Kultur gewähren” war es an der Zeit, seinem “blauen Vogel” Flügel zu verleihen, indem ich diese bemerkenswerten Texte in die Form eines symphonischen Chors übertrug. Es soll als Hommage, nicht nur aller Künstler, die so sehr unter der Pandemie gelitten haben, sondern auch des Engagements des Nationalen Gesundheitswesens verstanden werden, in der Hoffnung, dass ihre Worte an die tiefste und innigste Menschlichkeit in jedem von uns appellieren mögen.

„Der blaue Vogel – Weihnachtserzählungen und Gedichte“ ist ein poetisches und fiktives Werk von António Arnaut (1936-2018), welches 1998 von Coimbra Editora veröffentlicht wurde. Der in Venda das Figueiras, in der Gemeinde Cumeieira, Penela geborene Autor war Rechtsanwalt, Politiker und Schriftsteller. Als Aktivist gegen die Diktatur Salazars war er Mitglied der Ação Socialista und Kandidat der demokratischen Opposition für das Parlament (1969). Er war Mitbegründer der Sozialistischen Partei, Parlamentsabgeordneter und Sozialminister in der zweiten Regierung von Mário Soares. Als Autor des Gesetzes zur Schaffung des Nationalen Gesundheitsdienstes (SNS), engagierte er sich für dessen Wahrung, was ihm mehrere Auszeichnungen eingebracht hat. Die Universität von Coimbra verlieh ihm den Titel „Doktor *Honoris Causa*“ für seine zivilgesellschaftliche Aktion zur Wahrung der SNS, und der Präsident der Republik verlieh ihm am 25. April 2016 das Großkreuz des Freiheitsordens. Arnaut veröffentlichte 30 Titel in Bereichen der Dichtung, Belletristik, Essay und

centenário da sua Biblioteca Municipal –, a Cantata de Natal “O Pássaro Azul” teve a sua estreia, a 8 de dezembro de 2022, no grande auditório do Convento São Francisco. A apresentação esteve a cargo da Orquestra Clássica do Centro, do Grupo Coral de Urrô (Arouca), do Coro da Tuna de Perosinho (Gaia), do Choral Polyphónico João Rodrigues de Deus (Penela), do Coro Carlos Seixas (Coimbra) e de muitos coralistas oriundos de outros coros da cidade. Os narradores António Miguel Arnaut (neto de Arnaut), Fernando Soares de Carvalho (Advogado), Manuel Alberto Guedes (Médico) e Diogo Carvalho (Ator e Dramaturgo) deram a voz aos contos escolhidos, tendo Beatriz Maia (Soprano), Beatriz Cortesão (Harpa), Paulo Soares (Guitarra de Coimbra) e Pedro Santos (Acordeão) como solistas convidados. A obra foi interpretada sobre a direção artística de Paulo Bernardino.

Espera-se agora, com esta publicação, que a mesma possa contribuir para uma maior riqueza do património imaterial português, quer poético, quer musical, e que possa integrar o maior número possível de orquestras e coros portugueses, de modo a fazer chegar as homenagens implícitas a todos os palcos no nosso país. Por fim, que a mesma possa honrar Portugal, além-fronteiras, que mesmo em tempos menos favoráveis, não deixa de ser um país de grandes poetas e criadores.

Paulo Bernardino

Francisco. It was part of the IV Orphic Music Cycle, which was sponsored by the University of Coimbra and enjoyed the support of the City of Coimbra. The city of Coimbra had included the cycle in the opening centenary celebrations of its municipal library. The cantata was performed in collaboration with the Classical Orchestra of the Centro Region, the Choir of Urrô (Arouca), the Tuna Choir of Perosinho (Gaia), the Polyphonic Choir of João Rodrigues de Deus (Penela), the Choir Carlos Seixas (Coimbra) and many choristers from different choirs of the city. The narrators António Miguel Arnaut (Arnaut's grandson), Fernando Soares de Carvalho (lawyer), Manuel Alberto Guedes (doctor) and Diogo Carvalho (actor and dramaturge) lent their voices to the chosen stories. Guest performers were Beatriz Maia (soprano), Beatriz Cortesão (harp), Paulo Soares (Coimbra guitar) and Pedro Santos (accordion). The concert was conducted by the artistic director Paulo Bernardino.

Through the publication of this work, I hope that it can contribute to the boundless richness of the Portuguese intangible heritage, be it poetic or musical, and that it can involve the utmost number of Portuguese orchestras and choirs to attain the implicit tributes on all stages in our country. Finally, may this work honour Portugal beyond borders, as even in less auspicious times it is still a country of great poets and creators.

Paulo Bernardino

zivilgesellschaftlichen Intervention. Bereits in seiner letzten Lebensphase legte er mit dem Verlag der Universität Coimbra ein Vertrag fest, in welchem sich letztere zur vollständigen Veröffentlichung seines Werkes verpflichtete, welcher auch diese hier vorgestellte Kantate umfasste.

Als Teil des IV. Orphika-Musikzyklus, welcher von der Universität Coimbra gesponsert wurde und die Unterstützung seitens der Stadt Coimbra genoss, fand die Premiere der Weihnachtskantate „O Pássaro Azul“ am 8. Dezember 2022 im großen Auditorium des Convento São Francisco statt. Die Stadt Coimbra hatte den Zyklus in die Eröffnungsfeierlichkeiten zum hundertjährigen Bestehen ihrer Stadtbibliothek eingeschlossen. Verantwortlich für die Darbietung der Kantate waren das Klassische Orchester der Region Centro, der Chor von Urrô (Arouca), der Tuna Chor von Perosinho (Gaia), der Polyphonische Chor von João Rodrigues de Deus (Penela), der Chor Carlos Seixas (Coimbra) und viele Chorsänger verschiedener Chören der Stadt. Die Erzähler António Miguel Arnaut (Arnauts Enkel), Fernando Soares de Carvalho (Anwalt), Manuel Alberto Guedes (Arzt) und Diogo Carvalho (Schauspieler und Dramaturg) verliehen den erkorenen Geschichten eine Stimme. Gastsolisten waren Beatriz Maia (Sopran), Beatriz Cortesão (Harfe), Paulo Soares (Coimbra-Gitarre) und Pedro Santos (Akkordeon). Das Werk wurde unter der künstlerischen Leitung von Paulo Bernardino aufgeführt.

Mit dieser Veröffentlichung besteht die Hoffnung, dass sie zum größeren Reichtum des portugiesischen immateriellen Erbes beitragen kann, sei es poetisch oder musikalisch, und dass sie die größtmögliche Anzahl portugiesischer Orchester und Chöre miteinbeziehen kann, um die impliziten Ehrungen auf allen Bühnen in unserem Land zu erreichen. Zum Schluss, möge dieses Werk Portugal über die Grenzen hinweg ehren, welches selbst in weniger günstigen Zeiten immer noch ein Land großer Dichter und Schöpfer ist.

Paulo Bernardino

## Notas performativas

## Performance notes

## Anmerkungen zur Durchführung

(1) A *Cantata de Natal "O Pássaro Azul"* é uma obra constituída por um prólogo e três quadros distintos. Embora a mesma esteja pensada como um todo, nada impede que cada quadro possa ser apresentado separadamente. A ser o caso, sugere-se que o "Prólogo" seja interpretado apenas com o primeiro quadro, ou seja, com "O Pássaro Azul", conto que empresta o nome à obra literária e esta, por sua vez, à cantata.

Os quadros da obra musical resultam de uma escolha de três – de sete – contos, aos quais se associam dez – de vinte e dois – poemas, estes últimos transpostos para música para acompanharem a narração dos contos. Assim, a Cantata obedece à seguinte forma:

(1) The Christmas cantata "*O Pássaro Azul*" (The Blue Bird) is a work consisting of a prologue and three individual tableaux. Although it is intended as a whole, there is nothing against presenting each tableau individually. If this should be the case, we suggest interpreting the "prologue" with only the first tableau, i.e., "O Pássaro Azul", the story that gives the literary work and thus the cantata its name.

The framework of the musical work results from a selection of three – out of seven – narratives, to which ten – out of twenty-two – poems are assigned, the latter set to music to go with the narration. The cantata has thus the following form:

(1) Die Weihnachtskantate "*O Pássaro Azul*" (Der blaue Vogel) ist ein Werk, das aus einem Prolog und drei einzelnen Bildern besteht. Obwohl es als Ganzes gedacht ist, spricht nichts dagegen, jedes Tableau einzeln zu präsentieren. Falls dies der Fall sein sollte, schlagen wir vor, den "Prolog" nur mit dem ersten Bild zu interpretieren, d. h. mit "O Pássaro Azul", die Geschichte, die dem literarischen Werk und damit der Kantate ihren Namen verleiht.

Der Rahmen des musikalischen Werks ergibt sich aus einer Auswahl von drei – aus sieben – Erzählungen, denen zehn – aus zweiundzwanzig – Gedichte zugeordnet sind, wobei letztere zur Begleitung der Erzählung vertont wurden. Die Kantate hat demnach die folgende Form:

Cantata / Kantate	Conto / Tale / Geschichte	Poema / Poem / Gedicht
Prólogo/Prologue/Prolog		<i>Primeiro Poema de Natal</i>
Quadro I/Part I/Teil I	<i>O Pássaro Azul</i>	<i>Fogueira Apagada Uma Vez</i>
Quadro II/Part II/Teil II	<i>Adelaide</i>	<i>Nesta Noite A Oriente Música Suave</i>
Quadro III/Part III/Teil III	<i>A Bicicleta</i>	<i>Escrevo Natal Dezembro A Palavra Oração II</i>

(2) "b.f." [Coro] – boca fechada.

(2) "b.f." [Choir] – mouth closed.

(2) "b.f." [Chor] – Mund geschlossen.

## Instrumentação

## Scoring

## Besetzung

## QUADRO I

2 Flautas [Fl.]  
2 Oboés [Ob.]  
2 Clarinetes (Sib) [Cl.]  
2 Fagotes [Fg.]  
2 Trompas (Fá) [Trp]  
2 Trompetes (Sib) [Tpt.]  
2 Trombones [Trb.]  
Sinos tubulares [Tub. B.]  
Tímpanos [Timp.]  
Harpa [Hp.]  
Soprano Solo [S. Solo]  
Coro SATB  
Violinos I, II  
Violas  
Violoncelos  
Contrabaixos

## PART I

2 Flutes [Fl.]  
2 Oboes [Ob.]  
2 Clarinets (Bb) [Cl.]  
2 Bassoons [Fg.]  
2 Horns (F) [Trp]  
2 Trompets (Bb) [Tpt.]  
2 Trombones [Trb.]  
Tubular Bells [Tub. B.]  
Timpani [Timp.]  
Harp [Hp.]  
Soprano Solo [S. Solo]  
Choir SATB  
Violins I, II  
Violas  
Cellos  
Basses

## TEIL I

2 Flöten [Fl.]  
2 Oboen [Ob.]  
2 Klarinetten (B) [Cl.]  
2 Fagotte [Fg.]  
2 Hörner (F) [Trp]  
2 Trompeten (B) [Tpt.]  
2 Posaunen [Trb.]  
Röhrenglocken [Tub. B.]  
Timpani [Timp.]  
Harfe [Hp.]  
Sopran Solo [S. Solo]  
Chor SATB  
Geigen I, II  
Bratschen  
Celli  
Bässe

## QUADROS II, III

2 Flautas [Fl.] (Flautim [Picc.] n.º 10)  
2 Oboés [Ob.]  
2 Clarinetes (Sib) [Cl.]  
2 Fagotes [Fg.]  
2 Trompas (Fá) [Trp]  
2 Trompetes (Sib) [Tpt.]  
2 Trombones [Trb.]  
Sinos tubulares [Tub. B.]  
Tímpanos [Timp.]  
Harpa [Hp.]  
Guitarra de Coimbra [Gtr.]  
Soprano Solo [S. Solo]  
Coro SATB  
Acordeão [Acord.]  
Violinos I e II  
Violas  
Violoncelos  
Contrabaixos

## PARTS II, III

2 Flutes [Fl.] (Piccolo [Picc.] n.º 10)  
2 Oboes [Ob.]  
2 Clarinets (Bb) [Cl.]  
2 Bassoons [Fg.]  
2 Horns (F) [Trp]  
2 Trompets (Bb) [Tpt.]  
2 Trombones [Trb.]  
Tubular Bells [Tub. B.]  
Timpani [Timp.]  
Harp [Hp.]  
Coimbra Guitar [Gtr.]  
Soprano Solo [S. Solo]  
Choir SATB  
Accordion [Acord.]  
Violins I, II  
Violas  
Cellos  
Basses

## TEILE II, III

2 Flöten [Fl.] (Piccolo [Picc.] n.º 10)  
2 Oboen [Ob.]  
2 Klarinetten (B) [Cl.]  
2 Fagotte [Fg.]  
2 Hörner (F) [Trp]  
2 Trompeten (B) [Tpt.]  
2 Posaunen [Trb.]  
Röhrenglocken [Tub. B.]  
Timpani [Timp.]  
Harfe [Hp.]  
Coimbra-Gitarre [Gtr.]  
Sopran Solo [S. Solo]  
Chor SATB  
Akkordeon [Acord.]  
Geigen I, II  
Bratschen  
Celli  
Bässe





*O pássaro azul*





*Prólogo* [PRIMEIRO POEMA DE NATAL]

Nunca escrevi um poema de Natal.  
E contudo sinto nesta noite fria  
um calor tão grande, uma ternura tal  
que até a minha descrença se extasia.

Um poema sagrado,  
denso e profundo,  
é fogo murmurado, cântico de fé...  
Ora eu sei que Jesus de Nazaré  
foi apenas um Justo atormentado  
com as injustiças do mundo.

Ah! Como eu gostaria de acreditar,  
neste tempo insano,  
no mistério da Natividade:  
um Deus que por amor se fez humano  
para salvar  
esta pobre e perdida Humanidade...

*Quadro I* [O Pássaro Azul]

O Tiago olhava deslumbrado o homem que manobrava os fios do mistério e fazia saltitar o pássaro azul sobre a calçada. Era um pássaro de papel, já se vê, com umas grandes asas luminosas a desenharem nos olhos gulosos das crianças um voo de céus infinitos.

Os passantes, embevecidos, iam fazendo roda e transformando aquele pequeno Largo da Baixa num mar ondulante de curiosidade à volta do vendedor de brinquedos, como uma ilha encantada.

O que há de maravilhoso e comovente no Natal não são os brinquedos que os pais compram aos filhos, é o regresso dos adultos à pureza da infância.

Tiago arrastou a mãe para o centro da sua fantasia, e ali ficou, os olhos ávidos, o coração apertado, a seguir o voo simulado do imaginário pássaro azul. E a mãe, também rendida às volutas do desejo, passou a mão breve pelo cabelo revoltado do seu menino, a adoçar a dor de não poder comprar-lhe a prenda cobiçada. Os tempos não estavam para despesas supérfluas e o Tiago teria de resignar-se, como nos anos anteriores, ao banal saquito de rebuçados.

O homem acabou a demonstração, arrumou o espécime e fez um gesto largo, convidativo, sobre o monte de caixas onde outros pássaros aguardavam a oportunidade de dar asas à imaginação dos compradores.

- São só 500\$00! Uma pechincha! Aproveitem, fregueses...

Uma dezena de braços estendeu a nota e recebeu em troca a caixinha maravilhosa. Era uma prenda bonita para meninos pobres, que de pouco se alimenta a sua fome de aventura.

Os compradores gozavam já a alegria dos filhos quando, nessa noite de consoada, descobrissem a surpresa ao canto da lareira. Tiago esticou o bracito, a mão aberta, ansiosa e súplice. E então a mãe, com uma lágrima ácida a nublar-lhe os olhos, porque o magro orçamento não lhe permitia o devaneio, puxou o menino para fora daquele aperto de alma. A noite anunciava-se, pesada e fria, dos globos recém-acendidos dos candeeiros públicos. Uma música suave, envolvente, aquecia as almas.

## [1 – PRIMEIRO POEMA DE NATAL]

Compassos (cc.): 1-5

cc.: 6-7

cc.: 8-10

cc.: 13-15

## [2- FOGUEIRA APAGADA]

Não há luar nem loucura  
nesta breve consoada.  
Apenas a lonjura  
da noite sobre as cinzas  
duma fogueira apagada.

Mas um pássaro esvoaça  
azul na imaginação.  
Abro-lhe o peito e regresso  
ao tempo primordial  
com uma rosa na mão.

Minha rosa, meu rosário  
desfolhados como a vida  
que nunca me deu razão....

- Quero um pássaro, mãe! Quero um pássaro azul para ir ao céu ver o pai - suplicou o rapaz a refugar o passo.

[3-UMA VEZ] – cc.: 1-29

E dali até casa foi um infindável precatório, pontuado de sorrisos e protestos, consoante a catadura materna e o balançar do autocarro.

- Não pode ser, filho! Talvez para o ano...

- Vou pedir ao Menino Jesus para me mandar um pássaro - rematou o Tiago, como se tivesse encontrado a solução final.

A mãe sossegou, convencida de que a exaltação do filho, levada ao rubro pelo cenário festivo da cidade, havia de arrefecer quando adormecesse. E, como quisesse domar rapidamente a inquietação do menino, ou a sua própria inquietação, logo que chegaram a casa e ele comeu a sopa, encaminhou-o para o quarto.

- Quero um pássaro, Mãe! Um pássaro azul!

cc.: 30-44

- Dorme, filho - disse a mulher, ternamente, aconchegando-lhe a roupa e contendo a amargura da impotência.

Mesmo barato, um brinquedo natalício era um luxo impossível para uma viúva pobre e desempregada. Mas talvez viessem outros tempos mais felizes, em que houvesse brinquedos para todos - pensou ela. E cantou-lhe uma canção antiga que falava de uma estrela a brilhar, que parecia um Sol, e dos Reis Magos a caminho de Belém...

Havia uma luz sobre Belém  
tão intensa azul e natural  
que parecia vir duma janela aberta  
na negrura do espaço intemporal.

Esvoaçou primeiro sobre a cidade  
pétala de sol pomba celeste  
e depois desceu suavemente  
no casebre onde o verbo se cumpriu.

Então o menino Tiago adormeceu e sonhou com o outro Menino, que também era pobre, mas tinha o mundo na mão. E sentiu-se a correr com Ele, de mãos dadas, no alegre quintal das suas traquinices. O quintal era agora um imenso vergel polvilhado de brinquedos e sulcado por miríades de pássaros azuis...

cc.: 77-120

Quando, de manhã, a mãe entrou no quarto, viu-lhe ainda a mão aberta, expectante, estendida sobre a roupa. Um sorriso extasiado iluminava-lhe o rosto adormecido. Abriu a janela, hesitante, com receio de o despeitar daquele enlevo, pois tinha apenas o saquito de rebuçados para responder à sua expectativa. Uma lufada de luz inundou o exíguo compartimento, e o cenário, tão familiar, pareceu-lhe, de súbito, a Gruta da Natividade. Uma estrela refulgia sobre a cama, no sítio onde a lâmpada, apagada, parecia também sonhar com o sol prometido...

Foi então que um pássaro azul, um pássaro verdadeiro, entrou pela janela, quebrou aquele encanto e foi pousar, suavemente, na mão aberta do Tiago.

Havia uma luz sobre Belém  
tão intensa azul e natural  
que parecia vir duma janela aberta  
na negrura do espaço intemporal.

Esvoaçou primeiro sobre a cidade  
pétala de sol pomba celeste  
e depois desceu suavemente  
no casebre onde o verbo se cumpriu.

Então Maria veio à porta  
a pomba entrou e foi pousar  
mansamente no sonho que nascia:  
O menino abriu os olhos e sorriu.

**Narrador:**  
Nunca escrevi um poema de Natal.  
E contudo sinto nesta noite fria  
um calor tão grande, uma ternura tal  
que até a minha descrença se extasia.  
(Segue em \*)

# 1 - Primeiro Poema de Natal

António Arnaut (1936-2018)

Paulo Bernardino (n. 1973)

**Lento**

The musical score is for a symphonic work with vocal soloists. It features a variety of instruments including woodwinds, brass, percussion, and strings. The tempo is marked 'Lento' (slow). The score is in 3/4 time and has a key signature of three sharps (F#, C#, G#). The vocal parts include Narrador (Narrator), Soprano, Alto, Tenor, and Baixo (Bass). The instrumental parts include Flautas (Flutes), Oboés (Oboes), Clarinetes em Sib (Clarinets in Bb), Fagotes (Bassoons), Trompas em Fá (Trumpets in F), Trompetes em Sib (Trumpets in Bb), Trombones (Trombones), Tubular Bells, Tímpanos (Timpani), Harpa (Harp), Violinos I (Violins I), Violinos II (Violins II), Violas, Violoncelos (Violoncellos), and Contrabaixos (Double Basses). The score includes dynamic markings such as *pp* (pianissimo) and *pp dolce* (pianissimo dolce). The vocal line includes the lyrics: (\* Um poema sagrado, | denso e profundo, | é fogo murmu- rado | cântico de | fé... Ora eu sei que | Jesus de Nazaré foi apenas um Justo |

7

Fl. *pp*

Ob. *pp*

Cl. *pp*

Fg. *pp* a 2.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B. *p* *mp*

Timp. *p* 3

Hp.

|| atormentado com as injustiças do mundo. | 7 Ah! Como eu gostaria de acreditar, |

S.

A.

T.

B.

Vln. I *pp*

Vln. II *pp*

Vla. *p*

Vc. *p* pizz.

Cb. *p*

9

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

|| neste tempo insano, no mistério da Nativi - - - - | dade: | | | um Deus que por amor | se fez humano

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf*

*pp*

*f*

*pp*

*f*

*pp*

*f*

*pp*

*f*

*pp*

arco

*f*

*pp*

O Ma - gnum Mys -  
Mys -  
Mys -  
Mys -

14

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

|| para salvar esta pobre e perdida | Humanidade...

S.

-te - ri - um, et ad - mi - ra - bi - le sa - cra - men - tum.

A.

-te - ri - um, et ad - mi - ra - bi - le sa - cra - men - tum.

T.

-te - ri - um, et ad - mi - ra - bi - le sac - cra - men - tum.

B.

*pp* et ad - mi - ra - bi - le sa - cra - men - tum.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

## 2 - Fogueira Apagada

**Larghetto** **poco rit.**

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. *p*  
 Não há lu - ar nem lou - cu - ra nes - ta bre - ve con - so - a - da. A - pe - nas a lon - ju - ra da noi - te so - bre as cin - zas du - ma fo - guei - ra a - pa - ga - da.

A. *p*  
 Não há lu - ar nem lou - cu - ra nes - ta bre - ve con - so - a - da. A - pe - nas a lon - ju - ra da noi - te so - bre as cin - zas du - ma fo - guei - ra a - pa - ga - da.

T.

B.

**Larghetto** **poco rit.**

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

12

allarg. A tempo

Fl. *f* *tr*

Ob. *f* *tr*

Cl. *f* *tr*

Fg. *f*

Trp. *f* *più f* 3

Tpt. *f* *più f* 3

Trb. *f* *più f* 3

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. Mas um\_ pás-sa-ro es - vo - a - ça a - zul na i - ma - gi - na - ção. A - bro - lhe o pei - to e re - gres - so ao tem - po pri - mor - di -

A. Mas um\_ pás-sa-ro es - vo - a - ça a - zul na i - ma - gi - na - ção. A - bro - lhe o pei - to e re - gres - so ao tem - po pri - mor - di -

T. Mas um\_ pás-sa-ro es - vo - a - ça a - zul na i - ma - gi - na - ção. A - bro - lhe o pei - to e re - gres - so ao tem - po pri - mor - di -

B. Mas um\_ pás-sa-ro es - vo - a - ça a - zul na i - ma - gi - na - ção. A - bro - lhe o pei - to e re - gres - so ao tem - po pri - mor - di -

12

allarg. A tempo

Vln. I *f* *più f*

Vln. II *f* *più f*

Vla. *f* *più f*

Vc. *f* *div.* *unis.* *più f*

Cb. *f* *più f*



21

24

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*dolce*  
*mp cresc.*

*dolce*  
*mp*

*dolce*  
*p*

*dolce*  
*p*

*dolce*  
*poco cresc.*

*dolce*  
*p*

- al com u - ma ro - sa na mão. Mi - nha

- al com u - ma ro - sa na mão. Mi - nha ro - sa,

- al com u - ma ro - sa na mão.

- al com u - ma ro - sa na mão. Mi - nha ro - sa, mi - nha

24

*p*

*p*

*p*

*mf*

*p*

27

Fl. *mf cresc.*

Ob. *mf cresc.*

Cl. *mf cresc.*

Fg. *mf cresc.*

Trp. *dolce mp cresc. p*

Tpt. *mp dolce cresc.*

Trb. *mf cresc.*

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. ro - sa, mi - nha ro - sa, meu ro - sá - rio des - fo - lha - dos co - mo a

A. mi - nha ro - sa, meu ro - sá - rio des - fo - lha - dos co - mo a

T. Mi - nha ro - sa, meu ro - sá - rio des - fo - lha - dos co - mo a

B. ro - sa, mi - nha ro - sa, meu ro - sá - rio des - fo - lha - dos co - mo a

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

33

Fl. *p* 1. *trm* 2. *trm* *pp* a 2

Ob. *p* 1. *trm* 2. *trm* *pp* a 2

Cl. *p* 1. *trm* 2. *trm* *pp* a 2

Fg. *pp*

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. *3*  
vi - da que nun - ca me deu ra - zão.

A. *3*  
vi - da que nun - ca me deu ra - zão.

T. *3*  
vi - da que nun - ca me deu ra - zão.

B. *3*  
vi - da que nun - ca me deu ra - zão.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *pizz.* *p*

Cb. *pizz.* *p*

O Tiago olhava deslumbrado o homem que manobrava os fios do mistério e fazia saltitar o pássaro azul sobre a calçada. Era um pássaro de papel, já se vê, com umas grandes asas luminosas a desenharem nos olhos gulosos das crianças um voo de céus infinitos.

Os passantes, embevecidos, iam fazendo roda e transformando aquele pequeno Largo da Baixa num mar ondulante de curiosidade à volta do vendedor de brinquedos, como uma ilha encantada.

O que há de maravilhoso e comovente no Natal não são os brinquedos que os pais compram aos filhos, é o regresso dos adultos à pureza da infância.

Tiago arrastou a mãe para o centro da sua fantasia, e ali ficou, os olhos ávidos, o coração apertado, a seguir o voo simulado do imaginário pássaro azul. E a mãe, também rendida às volutas do desejo, passou a mão breve pelo cabelo revoltado do seu menino, a adoçar a dor de não poder comprar-lhe a prenda cobiçada. Os tempos não estavam para despesas supérfluas e o Tiago teria de resignar-se, como nos anos anteriores, ao banal saquito de rebuçados.

O homem acabou a demonstração, arrumou o espécime e fez um gesto largo, convidativo, sobre o monte de caixas onde outros pássaros aguardavam a oportunidade de dar asas à imaginação dos compradores.

- São só 500\$00! Uma pechincha! Aproveitem, fregueses...

Uma dezena de braços estendeu a nota e recebeu em troca a caixinha maravilhosa. Era uma prenda bonita para meninos pobres, que de pouco se alimenta a sua fome de aventura.

Os compradores gozavam já a alegria dos filhos quando, nessa noite de consoada, descobrissem a surpresa ao canto da lareira. Tiago esticou o bracito, a mão aberta, ansiosa e súplice. E então a mãe, com uma lágrima ácida a nublar-lhe os olhos, porque o magro orçamento não lhe permitia o devaneio, puxou o menino para fora daquele aperto de alma. A noite anunciava-se, pesarosa e fria, dos globos recém-acendidos dos candeeiros públicos. Uma música suave, envolvente, aquecia as almas.

*(Segue n.º 3 – Uma Vez)*

# 3 - Uma Vez

Andante (♩ = 80)

The musical score is arranged in a standard orchestral format with the following parts:

- Flautas:** Flute part with a first ending bracket and a *p* dynamic marking.
- Oboés:** Oboe part with a first ending bracket and a *p* dynamic marking.
- Clarinetes em Sib:** Clarinet in B-flat part with a *p* dynamic marking.
- Fagotes:** Bassoon part with a first ending bracket and a *p* dynamic marking.
- Trompas em Fá:** Trumpet in F part.
- Trompetes em Sib:** Trumpet in B-flat part.
- Trombones:** Trombone part.
- Tímpanos:** Timpani part.
- Harpa:** Harp part.
- Narrador:** Narrator part with the lyrics "Quero um pássaro, mãe! [...]" starting in the second measure.
- Soprano Solo:** Soprano solo part.
- Soprano:** Soprano part.
- Alto:** Alto part.
- Tenor:** Tenor part.
- Baixo:** Bass part.
- Violino Solo:** Violin solo part.
- Violinos I:** Violin I part.
- Violinos II:** Violin II part.
- Violas:** Viola part.
- Violoncelos:** Cello part with *p* dynamic, triplets, and a *pizz.* marking.
- Contrabaixos:** Double bass part with a *p* dynamic marking.

8

Fl. *poco più f*

Ob. *poco più f*

Cl. 1. *poco più f* 2. *dolce* a 2.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *p*

Cb.

Detailed description: This page of a musical score (page 30) features a variety of instruments. The woodwind section includes Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), and Bassoon (Fg.). The brass section includes Trumpet (Trp.), Trombone (Tpt.), and Tuba (Trb.). The percussion section includes Timpani (Timp.) and Harp (Hp.). The vocal section includes Narrator (Narr.), Soprano Solo (S. Solo), Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), and Bass (B.). The string section includes Violin Solo (Vln. Solo), Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.). The score is in a key with one flat (B-flat) and a 3/4 time signature. The woodwinds and strings have specific dynamics and articulations. The Flute, Oboe, and Clarinet parts are marked *poco più f* (a little more forte). The Clarinet part has two endings, with the second ending marked *dolce* (sweetly). The Violoncello part starts with a *p* (piano) dynamic and features triplet patterns. The Contrabass part has a *p* dynamic. The vocal parts are mostly silent, indicated by a double bar line.

21

16

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

21

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

24 *poco rall.. A tempo*

Fl. *a 2*

Ob. *a 2*

Cl.

Fg. *a 2*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp. *C#* *C#*

|| [...] ou a sua própria inquietação, logo que chegaram a casa e ele comeu a sopa, encaminhou-o para o quarto. | - Quero um pássaro, Mãe! Um pássaro azul! [...] *1/4 - 3/4*

S. Solo

S.

A.

T.

B.

*poco rall.. A tempo*

Vln. Solo *mf leggero*

Vln. I *pizz. mf*

Vln. II *pizz. mf*

Vla. *pizz. mf*

Vc. *pizz. mf*

Cb. *mf*



33

Fl. *mf*

Ob.

Cl. *mp*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

||

[...] - Dorme, filho - disse a mulher, ternamente, aconchegando-lhe a roupa e contendo a amargura da impotência.  
Mesmo barato, um brinquedo natalício era um luxo impossível para uma viúva pobre e desempregada.  
Mas talvez viessem outros tempos mais felizes, em que houvesse brinquedos para todos - pensou ela.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. Solo

Vln. I arco

Vln. II arco

Vla. arco

Vc. arco

Cb.

The musical score is for page 33 of a piece. It features a woodwind section (Flute, Oboe, Clarinet, Bassoon), brass section (Trumpet, Trombone, Trombone), percussion (Timpani), and keyboard (Harp). The vocal solo section includes Soprano, Alto, Tenor, and Bass parts. The string section includes Violin Solo, Violin I, Violin II, Viola, Violoncello, and Contrabass. The score includes dynamic markings like *mf* and *mp*, and performance instructions like *arco* and triplets. The lyrics are in Portuguese and describe a scene where a woman comforts her child while reflecting on their difficult circumstances.

45

41

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

E cantou-lhe uma canção antiga que falava de uma estrela a brilhar,  
que parecia um Sol, e dos Reis Magos a caminho de Belém...

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Ha - vi - a u - ma luz so-bre Be-

45

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

pizz.

mf

49

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*p*

*p*

lém tão in - ten - sa a - zul e na - tu - ral que pa - re - ci - a vir du - ma ja - ne - la a -

(pizz.)

*mf*

62

Fl. *p* 1. *p*

Ob. *p* 1. 3 *p*

Cl. *p* 1. *p*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp. *C#* *C#*

S. Solo *più f*

-ber - ta na ne - gru - ra do es - pa - ço in - tem - po - ral. Es - vo - a - ço pri - mei - ro so - bre a ci - da - de

S.

A.

T.

B.

62

Vln. Solo

Vln. I *pizz.* *mf*

Vln. II *pizz.* *mf*

Vla. *pizz.* *mf*

Vc. *poco più f*

Cb. *poco più f*

65

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo   
pé - ta - la de sol pom - ba ce - le - ste e de - pois des -

S.

A.

T.

B.

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf dolce*

*p*

*arco*

*p*

*arco*

*p*

*arco*

*p*

*arco*

*p*

71

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. Solo

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

-ceu\_ sua - ve - men - te no ca - se - bre on-de o ver - bo se cum - priu.

C#

B#

F#

77

Fl. 1. *p* *tr* 2. *p* *tr*

Ob. 1. *p*

Cl. *p*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp. *pp* *Bisbigliando* (ou arpejado descendente em  $\text{♩}$ )

Narr. Então o menino Tiago adormeceu e sonhou com o outro menino, que também era pobre, mas tinha o mundo na mão. [...]

S. Solo

S.

A.

T.

B.

77

Vln. I *pizz.* *p*

Vln. II *pizz.* *p*

Vla. *pizz.* *p*

Vc. (arco) *p*

Cb. *pizz.* *p*

87

Fl. 1. *poco più f*

Ob. 2. *poco più f*

Cl. 1. *poco più f* 2. *poco più f*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *poco più f*

Cb. *poco più f*



98

Fl.

Ob.

Cl. a 2

Fg. *mf*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp. *mf*

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I *p* arco

Vln. II *p* arco

Vla. *p* arco

Vc. *p*

Cb. *p*

106

Fl.

Ob.

Cl. *a 2* *mp*

Fg. *a 2*

Trp. *1.* *p* *poco più f*

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp. *3*

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

Detailed description: This page of a musical score, numbered 106, contains staves for various instruments. The Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), Bassoon (Fg.), Trombone (Trb.), and Tuba (Tub.) parts are mostly silent, indicated by horizontal lines. The Clarinet part has a dynamic marking of *mp* and a fingering of *a 2*. The Bassoon part has a dynamic marking of *a 2* and a first ending bracket labeled *1.*. The Trumpet (Trp.) part has a dynamic marking of *p* and a first ending bracket labeled *1.*, with a subsequent dynamic change to *poco più f*. The Harp (Hp.) part features a rhythmic pattern of triplets, with the number *3* written below each triplet. The Narrator (Narr.) part is represented by a vertical bar line. The Solo Soprano (S. Solo) and Soprano (S.) parts are also silent. The strings (Vln. I, Vln. II, Vla., Vc., Cb.) play a sustained harmonic accompaniment with long notes and slurs.

113

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Narr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

[...] Foi então que um pássaro azul, um pássaro verdadeiro, entrou pela janela, quebrou aquele encanto e foi pousar, suavemente, na mão aberta do Tiago.

*meno f*

*meno f*

*pizz.*

121

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

121

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

129

Fl. *mf*

Ob.

Cl. *mf*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. *mf*  
-ten - sa a - zul e na - tu - ral que pa - re - ci - a vir du - ma ja - ne - la a -

A. *mf*  
que pa - re - ci - a vir du - ma ja - ne - la a -

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *mf*

Cb.

Detailed description: This page of a musical score, numbered 129, features a variety of instruments and vocal parts. The woodwind section includes Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), and Bassoon (Fg.). The brass section consists of Trumpet (Trp.), Trombone (Trb.), and Trombone (Tpt.). Percussion includes Timpani (Timp.). The keyboard section features Harp (Hp.). The vocal section includes a Solo Soprano (S. Solo), Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), and Bass (B.). The string section includes Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.). The score is in a key with three sharps (F#, C#, G#) and a common time signature. The vocal parts have lyrics in Portuguese. The flute and clarinet parts are marked with a mezzo-forte (*mf*) dynamic. The harp part features sixteenth-note patterns. The cello part has triplet markings. The page number 129 is located at the top left of the score.

135

Fl. *mf* a 2

Ob.

Cl. *mf* a 2

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. -ber - ta na ne - gru - ra do es - pa - ço in - tem - po - ral.

A. -ber - ta na ne - gru - ra do es - pa - ço in - tem - po - ral. *f* Es -

T.

B. *f* Es -

Vln. I *f*

Vln. II

Vla.

Vc. *f*

Cb. *f* arco

Detailed description: This is a page of a musical score, page 46, starting at measure 135. The score is for a full orchestra and vocal soloists. The instruments listed on the left are Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), Bassoon (Fg.), Trumpet (Trp.), Trompete (Tpt.), Trombone (Trb.), Timpani (Timp.), Harp (Hp.), Soprano Solo (S. Solo), Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), Bass (B.), Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.). The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 3/4. The Flute and Clarinet parts have a first ending (a 2) starting in measure 140. The Harp part features a continuous sixteenth-note pattern with a '6' marking. The vocal parts (Soprano and Alto) have lyrics in Portuguese: '-ber - ta na ne - gru - ra do es - pa - ço in - tem - po - ral.' The Soprano part ends with 'Es -' and the Alto part with 'Es -'. The Violoncello part has a triplet pattern with a '3' marking. The Contrabass part has a simple rhythmic pattern and ends with 'arco' and a forte (*f*) dynamic. Dynamics include *mf* (mezzo-forte) and *f* (forte).

140

Fl. *mf*

Ob. *a 2*

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. *f*

A.

T.

B. *f*

Es - vo - a - çou, es - vo - a - çou, pom - ba ce - le -  
 -vo - a - çou pri-mei-ro so - bre a ci - da - de pé-ta - la de sol pom - ba ce - le -  
 Es - vo - a - çou, es - vo - a - çou, pom - ba ce - le -  
 -vo - a - çou pri-mei-ro so - bre a ci - da - de pé-ta - la de sol pom - ba ce - le -

140

Vln. I

Vln. II *f*

Vla. *f*

Vc.

Cb.

147

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

-ste e de - pois des - ceu sua - ve - men - te no ca - se - bre on-de o ver-bo se cum - priu.

-ste e de - pois des - ceu sua - ve - men - te no ca - se - bre on-de o ver-bo se cum - priu.

-ste e de - pois des - ceu sua - ve - men - te no ca - se - bre on-de o ver-bo se cum - priu.

-ste e de - pois des - ceu sua - ve - men - te no ca - se - bre on-de o ver-bo se cum - priu.

div.





161 *Allarg.*

Fl. *3 3 3 3 3 3 3*

Ob.

Cl. *3 3 3 3 3 3 3*

Fg.

Trp. *3 3 3 3 3 3 3*

Tpt. *3 3 3 3 3 3 3*

Trb. *3 3 3 3 3 3 3*

Timp. *3*

Hp. *8va* *6 6 6 6 6 6 6*

S. Solo

S. *8va*  
- sar man-sa-men - te no so - nho que nas - ci - a:

A. *8va*  
- sar man-sa-men - te no so - nho que nas - ci - a:

T. *8va*  
- sar man-sa-men - te no so - nho que nas - ci - a:

B. *8va*  
- sar man-sa-men - te no so - nho que nas - ci - a:

*Allarg.*

Vln. I *8va*

Vln. II

Vla.

Vc. *3 3 3 3 3 3 3* unis.

Cb.

167

Adagio (♩ = 69)

166

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

O Me - ni - no a - briu, o Me - ni - no a - briu os o - lhos e sor - riu.

O Me - ni - no a - briu, o Me - ni - no a - briu os o - lhos e sor - riu.

O Me - ni - no a - briu, o Me - ni - no a - briu

O Me - ni - no a - briu.

167

Adagio (♩ = 69)

(8)

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

177

Tempo primo

176

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf gliss.*

*f dolce*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

*p*

En - tão Ma - ri - a vei - o à por - ta a pom - ba en - trou e foi pou -

ô, ô, ô,

ô, ô, ô,

ô, ô, ô,

ô, ô, ô,

Tempo primo

183

Fl. -

Ob. -

Cl. -

Fg. -

Trp. *mp* *cresc.* *mf*

Tpt. *mp* *cresc.* *mf*

Trb. *mp* *cresc.* *mf*

Timp. -

Hp. *8va* -

S. Solo *cresc.* - sar man-sa - men - te no so - nho que nas - ci - a:

S. *cresc.* man-sa - men - te no so - nho que nas - ci - a: *mf*

A. *cresc.* man-sa - men - te no so - nho que nas - ci - a: *mf*

T. *cresc.* man-sa - men - te no so - nho que nas - ci - a: *mf*

B. *cresc.* man-sa - men - te no so - nho que nas - ci - a: *mf*

Vln. I *cresc.* *mf*

Vln. II *cresc.* *mf*

Vla. *cresc.* *mf*

Vc. *cresc.* *mf*

Cb. *cresc.* *mf*

188 **Meno mosso** (tempo libero senza rigore)

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.

Trp.  
Tpt.  
Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

O Me - ni - no a - briu, o Me - ni - no a - briu, o Me - ni - no a - briu \_\_\_\_\_ os o - lhos e sor-

S.

A.

T.

B.

**Meno mosso** (tempo libero senza rigore)

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

198

198 **Tempo primo**

Fl. *p* 1.

Ob. *p* 1.

Cl. *p* 1. 2. a2

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo - riu.

S.

A.

T.

B.

**Tempo primo**

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *p* 3 3 3

Cb. *p* pizz.

206

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*p dolce*

*mp*

*p*

*3*

*B $\flat$*

Detailed description of the musical score: This page of a musical score, numbered 206, contains staves for various instruments. The Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Trumpet (Trp.), Trombone (Trb.), Tuba (T.), and Timpani (Timp.) staves are mostly empty, indicating rests. The Clarinet (Cl.) and Bassoon (Fg.) staves have melodic lines with some rests. The Bassoon part starts with a *p dolce* marking and includes a triplet of eighth notes. The Harp (Hp.) part features a series of triplets of eighth notes, starting with a *p* marking and ending with a *B $\flat$*  chord. The Soloist (S. Solo) and vocal parts (S., A., T., B.) are also empty. The string section (Vln. I, Vln. II, Vla., Vc., Cb.) has rhythmic accompaniment, with the Violin I and II parts marked *p* and the Viola part also marked *p*. The Violoncello (Vc.) part includes triplet patterns.



215

Fl. *p* *f*

Ob.

Cl. *p*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I *meno f*

Vln. II *meno f*

Vla.

Vc. pizz. arco

Cb.

221

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

6

3

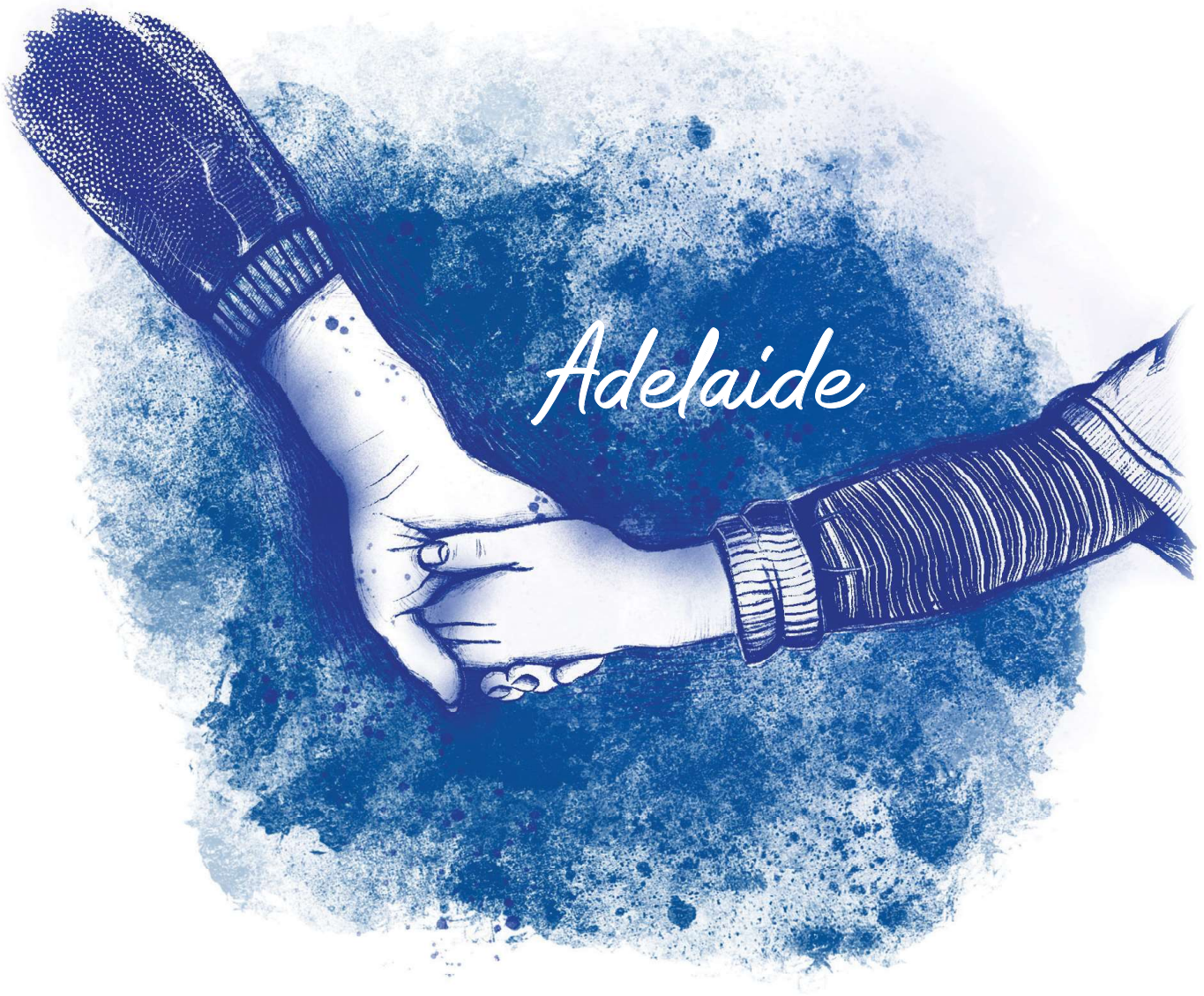
3

3

3

3

3



*Adelaide*



*Quadro II* [ADELAIDE]

## [4 – NESTA NOITE]

Nesta noite tão longa como o longo  
inverno que me cobre de incerteza,  
nesta noite tão fria como frio  
que enregela minha alma de tristeza,

nesta noite granítica, cortada  
por socalcos de neve e claridade,  
nesta noite antiquíssima, serena  
como um barco sulcando a eternidade,

é que eu me pressinto caminhante  
no deserto confuso e sem destino:  
o milagre já não volta como outrora  
trazer-me a companhia do Menino.

Tinha um lugar cativo naquele canto da ruela, debaixo de um candeeiro velho, que derramava sobre ela um jorro de claridade, como uma chuva de luar. Começava ao entardecer e ali permanecia até que o seu homem viesse buscar, já de madrugada, pois é de noite que vivem as mulheres da vida.

Adelaide submetera-se docilmente àquele regime. Antes de o alcoviteiro a levar para a alcova e lhe propor o trato, vadiava pela cidade em compita desigual com as outras, que tinham posto fixo de recepção de clientes e homens que lhe defendiam o território, quais guardas pretorianos. Desde que ficara com dono, gozava de uma certa tranquilidade, porque alguém provia à sua segurança.

Muitas vezes se lembrava da fábula do cão magro e do cão gordo, e sabia agora, por amarga experiência, que a liberdade vale todos os sacrifícios. Sobretudo neste dia, véspera de Natal, em que vender a carne era também vender a alma. Mas o Ruivo não a dispensara do turno, porque a fome de dinheiro não se cala com piedosos sentimentos. Apenas lhe prometera, depois de muito insistir, que a viria buscar mais cedo:

- Avias dois ou três, e à meia noite ficas livre para o teu Menino Jesus...

E ali estava ela, no seu posto de venda, a assistir ao corropio de gente carregada de prendas festivas que a olhava, especialmente os homens, com um misto de ternura e concupiscência. As mulheres passavam ao largo com um soslaio de misericordiosa censura. Ainda ninguém a abordara, era passante das dez horas, e o tempo começava a ser escasso para a safra do dia. Quando os réditos não alcançavam as previsões, tinha de encontrar uma boa desculpa, porque o homem era insensível à inconstância do mercado e, até, às condições atmosféricas que, sendo invernosas, como acontecia, faziam rarear os eventuais clientes.

Afastou-se ligeiramente do local, num passo incerto, como se flutuasse na música envolvente que irrompia da praça e inundava a ruela. Era uma música dolente, nem parecia de Natal, a fazer lembrar a dos saltimbancos que, nos idos da sua adolescência, montavam quitanda no largo da aldeia, enfeitando, com suas lérias, cânticos e acrobacias, os ingénuos camponeses. Foi a um desses comediantes que entregou a virgindade, rendida pelo ágil clarinete que ele empunhava, como um troféu, por entre a multidão em transe, antes de cabriolar sobre a manta de riscas vermelhas. Uma vez, veio solfejar-lhe ao ouvido, e aquelas notas avulsas, ligadas pelo íman dos seus olhos acesos, penetraram dentro de si como uma mensagem celeste. No dia seguinte, quando se encontraram no caminho ocasional da fonte, não foram necessárias mais palavras para Adelaide se deixar iniciar nos mistérios do amor.

[5 – A ORIENTE] – cc.: 1-28

Tinham passado dez anos. A vida dera tantas voltas que ela sentia agora um frémito de náusea e subir-lhe pelas pernas e a comprimir-lhe o peito. Depois do comediante, que logo desapareceu para outras paragens, deixando-a com aquele travo amargo que ainda experimenta quando se entrega a um desconhecido, fora o filho do patrão, o próprio patrão, e tantos outros que já não lhe sabe a conta.

cc.: 29-49

A má fama espalhou-se pela aldeia, como nódoa irremissível, e Adelaide foi forçada a demandar a cidade, onde a esperavam empregos fugazes e homens mais fugazes, cujo amor durava apenas o instante fátuo da ereção. Um deles deixou-lhe no ventre, por descuido, a semente de um filho. Ela sempre ansiou ser mãe, e aquele acaso, que é a origem de todos os frutos, tomou-a verdadeiramente feliz. Tinha um arreigado instinto maternal, um carinho recôndito pelas crianças, talvez para compensar a perda prematura da mãe e a indiferença do pai que, pouco depois, partiu para terras desconhecidas e a entregou a uma tia mais pobre do que eles, com uma ninhada de filhos.

cc.: 50-62

Há vinte séculos, pontualmente,  
nesta noite, a esta hora,  
na abóbada do céu, a oriente,  
uma Estrela fulge cor de opala.  
Mensageira do amor, o próprio Tempo  
suspende a respiração a escutá-la.

A Natureza pára, até o mar  
não tem bramido que se afoite.  
E o vento emocionado vai pousar,  
como uma flor,  
mansamente nos ombros desta noite.

Só o Homem não pára a contemplar  
o sinal do céu e continua  
indiferente ao abraço da Distância,  
rês perdida que flutua  
à tona desmedida da ganância.

Adelaide estava grávida quando conheceu o homem que lhe dera, finalmente, alguma segurança. Encontraram-se na noite da cidade, numa outra rua devassada por bêbados e polícias, fez-lhe apenas um sinal, num gesto que não se aprende, porque está inscrito na memória arcaica como um código universal. Correu submissa e sorridente, mas viu logo, nas primeiras falas, que não se tratava de um vulgar cliente. Era um homem do negócio, vendia mulheres à percentagem e, em troca, garantia-lhes arrimo, protecção e, por vezes, uma noite na cama. Corou quando ele lhe disse, cruamente, ao que vinha:

- Há tempo que te observo, rapariga. És bonita, atraente e, se quiseres, podes ter um bom futuro, trabalhando para mim...

Ia a esboçar um movimento de repulsa, mas ele apertou-lhe a mão em riste e continuou:

- Andas de um lado para o outro, a fugir à polícia, não tens pouso nem rendimento certo. O que eu te proponho é ficares por minha conta, eu protejo-te, arranjo-te clientes e tu dás-me metade da fêria...

Já não sabe o que lhe disse. Lembra-se vagamente que as palavras traíram a sua vontade como acontece, quase sempre, no diálogo entre os fracos e os fortes, os inocentes e os espertos, a erva e o vento. Quem está na lama agarra-se à primeira ilusão para não se afogar de todo. E foi assim que, há peito de um ano, começou a trabalhar para aquele homem, cujo nome nunca soube ao certo, mas a quem chamavam Ruivo, certamente por causa do cabelo fulvo, a cor das suas noites de insónia.

Mas havia outras condições, que só depois lhe foram impostas. Tinha de abortar e tornar-se estéril, para não atrapalhar o negócio, e tinha de lhe garantir um rendimento diário. Era pegar ou largar...

Aceitou tudo. Já não havia outra saída, porque se recusasse, a vida tornar-se-ia insuportável, como acontecera a tantas, que foram perseguidas, denunciadas à polícia, e tiveram de debandar para outras paragens, onde a perseguição impiedosa continuou. Mas o que mais lhe custara fora a perda do filho e a esterilidade, que lhe sufocara para sempre o desejo bonito de ser mãe.

Um homem atarracado e calvo acercou-se dela, ensaiando um sorriso largo e cúmplice de parceiro ocasional. Mediu-a com olhar lúbrico, das coxas ao peito, como se a desnudasse em plena rua, deixando a vista encalhada nos seios apetitosos, onde repousa um crucifixo. Esse tipo de abordagem inquietava-a sempre, apesar dos anos que levava de profissão, por sinal, a mais velha do mundo. Mas não conseguira ainda a paz de espírito que lhe permitisse, como às outras, sujeitar-se docilmente à almoeda da vida com qualquer passante fortuito. Aquela noite era sagrada, nunca antes a profanara, e sentia uma resistência instintiva, um nojo visceral, a retesar-lhe o corpo. Por isso, falou de forma rude e pediu um preço excessivo para desencorajar o interpelante. O homem encarou-a com desprezo, ninguém gosta de se ver repudiado, mesmo por uma prostituta de rua, cuspiu no chão e afastou-se a resmungar:

- Olha a gaja! O que não falta são putas...

Adelaide viu as horas, eram quase onze, já pouca gente povoava o silêncio da ruela, era tempo de família, à volta da mesa ou da fogueira, como outrora na sua aldeia distante. Um manto de melancolia caiu sobre si, parecia que o velho candeeiro aspergia agora uma chuva de névoa, só um cão vadio, de rabo alçado, a farejar comida nos caixotes, salpicava de alegria aquela noite triste.

O cão aproximou-se, enternecido e solidário, e os olhos luziram-lhe quando ela afagou o seu dorso molhado. Sorriu, também enternecida, dois destinos diferentes mas iguais, afinal o cão era livre, senhor da sua vontade, mas ambos estavam acorrentados às contingências da vida. De repente lembrou-se que o Ruivo podia estar a espia-la, ia

[6 – MÚSICA SUAVE] – cc.: 1-24

cc.: 25-46

*Narrado...*

pedir-lhe contas, com certeza, bota cá o dinheiro, sua safada, e ela sem uma nota das grandes para lhe aplacar o génio perverso, pior do que um temporal desfeito.

O canídeo afastou-se em passo lento, meditativo. Adelaide viu-o desaparecer na esquina, como uma esperança a desvanecer-se, mas uma sombra esguia e trémula surgiu desse lado a aproximar-se. Era um rapaz de cabelos louros, eriçados pelo frio, devia ter uns dez anos, magros e sofridos. Falava aos tropeções, como quem engole as palavras da sua fome:

cc.: 47-86

- Dá-me cem escudos, cem escudos para comprar um bolo...

Baixou-se e abraçou-o com a ternura solta de uma mulher perdida, que espera um sinal do destino para se reencontrar.

- Pobre rapaz! O que andas aqui a fazer a esta hora? Não tens família?

A resposta foi seca, mas dramaticamente expressiva:

- Não!

- E os teus pais? - insistiu Adelaide, a prescrutar uma nesga de salvação. Talvez o rapaz viesse para a ajudar a libertar-se de todos os Ruivos da vida.

- Não tenho pais...

Ergueu-o nos braços e apertou-o ao peito, comovidamente, como se apertasse o filho perdido.

- Anda comigo! Ainda temos tempo de ir esperar o Menino...

Correram para a estação. Algum comboio os haveria de levar para o outro lado da vida.

- Mãe! - disse o rapaz, beijando-lhe a mão.

Música suave como a neve  
caindo devagar  
no espaço breve  
de um sonho prestes a acordar.

Uma flauta chora  
nesta noite fria.  
O vento canta lá fora  
a mesma sinfonia.

E eu aqui fel e vinagre  
sem ter consolação,  
quando afinal, o milagre  
é ouvir o coração.





4 - Nesta Noite

**Revoluto (♩ = 58)**

The score is for the piece "Nesta Noite" (part 4), in 3/8 time, with a tempo of 58 quarter notes per minute. The key signature has three flats (B-flat, E-flat, A-flat). The instruments and their parts are:

- Flautas:** Rests throughout.
- Oboés:** Rests throughout.
- Clarinetes em Sib:** Melodic line starting with a forte (*f*) dynamic, featuring first and second endings.
- Fagotes:** Accompanying line starting with a mezzo-forte (*mf*) dynamic.
- Trompas em Fá:** Rests throughout.
- Trompetes em Sib:** Rests throughout.
- Trombones:** Rests throughout.
- Tímpanos & Prato Suspenso:** Percussion part with a forte (*f*) dynamic, using high-pitch timpani with brushes.
- Soprano, Alto, Tenor, Baixo:** Vocal staves with rests.
- Acordeão:** Accordion part with a forte (*f*) dynamic, including fingering diagrams for BS or BC.
- Violinos I, Violinos II, Violas:** Rests throughout.
- Violoncelos:** Cello part starting with a forte (*f*) dynamic, marked *pizz.*
- Contrabaixos:** Bass part starting with a forte (*f*) dynamic, marked *pizz.*

17

11

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*p cresc.*

*f*

2.mute

a 2

2

2

2

2

3

4

*p cresc.*

*f*

*p*

*f*

17

Detailed description: This page of a musical score covers measures 17 through 24. The score is for a full orchestra and includes parts for Flute, Oboe, Clarinet, Bassoon, Trumpet, Trombone, Timpani, Soprano, Alto, Tenor, Bass, Piano, Violin I, Violin II, Viola, Violoncello, and Contrabass. The key signature is three flats (B-flat major or D-flat minor) and the time signature is 4/4. The score begins with a rehearsal mark '11' at the top left. A circled measure number '17' is centered above the first staff. The woodwind and brass sections enter in measure 17 with a *p* (piano) dynamic and a *cresc.* (crescendo) marking. The Clarinet part includes first and second endings, marked '1' and 'a 2'. The Trumpet and Trombone parts also include '2.mute' and 'a 2' markings. The Timpani part features a series of rolls, with dynamic markings *p cresc.* and *f*. The Piano part has a *p cresc.* marking in measure 17 and a *f* marking in measure 24. The string parts (Violin I, Violin II, Viola, Violoncello, and Contrabass) play a steady eighth-note accompaniment, with dynamics ranging from *p* to *f*. The Soprano, Alto, Tenor, and Bass vocal parts are present but contain no notes. The score concludes with a circled measure number '17' at the bottom center.

24

Fl.

Ob. *p cresc. f*

Cl. *p subito cresc. f*

Fg. *p subito f*

Trp. *p cresc. f*

Tpt.

Trb. *p subito cresc. f*

Timp. *p sub. cresc. f*

S.

A.

T.

B.

Acord. *p subito cresc. f*

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *p subito cresc. f*

Cb. *p subito cresc. f*

35

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

48

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*più f*

*f*

*simile*

*simile*

*div.*

*unis.*

2

2

-za, nes-ta noi-te tão fri-a co-mo o fri-o que en-re-ge-la mi-nha al-ma de tris-te - za, nes-ta noi-te gra-

-za, nes-ta noi-te tão fri-a co-mo o fri-o que en-re-ge-la mi-nha al-ma de tris-te - za, nes-ta noi-te gra-

-te - za, Ô, tris-te - za, nes-ta noi-te gra-

-te - za, Ô, tris-te - za, nes-ta noi-te gra-



74

69

Fl. *mf*

Ob. *mf*

Cl. *mf*

Fg. *sfz* *mf*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp. 4 5 *f* 2 2

S. *mf*  
bar - co sul - can - do a e - ter - ni - da - de, Nes - ta noi - te tão lon - ga co - mo o lon - go in - ver - no que me co - bre de in - cer - te -

A. *mf*  
e - ter - ni - da - de, Nes - ta noi - te tão lon - ga co - mo o lon - go in - ver - no que me co - bre de in - cer - te -

T. *mf*  
e - ter - ni - da - de, Nes - ta noi - te tão lon - ga co - mo o lon - go in - ver - no que me co - bre de in - cer - te -

B. *mf*  
e - ter - ni - da - de, Nes - ta noi - te tão lon - ga co - mo o lon - go in - ver - no que me co - bre de in - cer - te -

Acord. *f*

74

Vln. I *mf*

Vln. II *mf*

Vla. *mf*

Vc. *arco* *mf*

Cb. *arco* *mf*





91

Fl. *meno f*

Ob. *f*

Cl. *meno f*

Fg. *meno f*

Trp. *meno f*

Tpt. *meno f*

Trb. *meno f*

Timp. 2 3

S. *meno f*  
 - ní - ti - ca cor - ta - da por so - cal - cos de ne - ve e cla - ri - da - de, nes - ta noi - te an - ti - quís - si - ma, se - re - na co - mo um

A. *meno f*  
 - ní - ti - ca cor - ta - da por so - cal - cos de ne - ve e cla - ri - da - de, nes - ta noi - te an - ti - quís - si - ma, se - re - na co - mo um

T. *meno f*  
 - ní - ti - ca cor - ta - da por so - cal - cos de ne - ve e cla - ri - da - de, nes - ta noi - te an - ti - quís - si - ma, se - re - na co - mo um

B. *meno f*  
 - ní - ti - ca cor - ta - da por so - cal - cos de ne - ve e cla - ri - da - de, nes - ta noi - te an - ti - quís - si - ma, se - re - na co - mo u

Acord. *meno f*

Vln. I *meno f*

Vln. II *meno f*

Vla. *meno f*

Vc. *meno f*

Cb. *meno f*

106

101

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

*meno f*

*f*

*mf* *ligeiro*

S.

A.

T.

B.

bar - co sul - can - do a e - ter - ni - da - de, é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te.

bar - co sul - can - do a e - ter - ni - da - de, é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta

bar - co sul - can - do a e - ter - ni - da - de, é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta

bar - co sul - can - do a e - ter - ni - da - de, é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta

Acord.

*f*

106

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*f*

112

Fl. *f*

Ob. *f*

Cl. *f*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp. 7 2 3 4 5 6 7

S. no de - ser - to con - fu - so e sem des - ti - no: o mi - la -

A. noi - te, no de - ser - to con - fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la -

T. noi - te, no de - ser - to con - fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la -

B. noi - te, no de - ser - to con - fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la -

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

123

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Timp. 2 3 4 5 6 7 8  
S.  
A.  
T.  
B.  
Acord.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

-gre já não vol - ta co - mo ou - tro - ra tra -  
-gre já não vol - ta co - mo ou - tro - ra tra -  
-gre já não vol - ta co - mo ou - tro - ra tra -  
-gre já não vol - ta co - mo ou - tro - ra tra -

130

Fl. *più f*

Ob. *più f*

Cl. *più f*

Fg. *più f*

Trp. *più f*

Tpt. *più f*

Trb. *più f*

Timp. 1 2 3 4 5 6 7 *più f*

S. *più f*  
 -zer - me a com - pa - nhi - a do Me - ni - - no.

A. *più f*  
 -zer - me a com - pa - nhi - - a do Me - ni - - no, nes - ta noi - te,

T. *più f*  
 -zer - me a com - pa - nhi - - a do Me - ni - - no, nes - ta noi - te,

B. *più f*  
 -zer - me a com - pa - nhi - - a do Me - ni - - no, nes - ta noi - te,

Acord. *più f*

Vln. I *più f*

Vln. II *più f*

Vla. *più f*

Vc. *più f*

Cb. *più f*

138

138

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

*più f*

S.

A.

T.

B.

É que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te. no de - ser - to con -

é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta noi - te, no de - ser - to con -

é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta noi - te, no de - ser - to con -

é que eu me pres - sin - to ca - mi - nhan - te, nes - ta noi - te, no de - ser - to con -

Acord.

138

138

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

148

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

- fu - so e sem des - ti - no: o mi - la - gre já não vol - ta co - mo ou -

- fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la - gre já não vol - ta co - mo ou -

- fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la - gre já não vol - ta co - mo ou -

- fu - so e sem des - ti - no, nes - ta noi - te, o mi - la - gre já não vol - ta co - mo ou -

3 4 5 6 7 2 3 4

3 3 3 3 3 3 3 3





168

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

2

2

2

2

2

2

180

Fl. *meno f* *ff* *meno f*

Ob. *meno f* *ff* *meno f*

Cl. *meno f* *ff* *meno f*

Fg. *ff* *meno f*

Trp. *meno f* *ff*

Tpt. *ff*

Trb. *meno f* *ff* *meno f*

Timp. 2 2 3 4 2

S.

A.

T.

B.

Acord. *meno f* *ff* *meno f*

Vln. I *meno f* *ff* *meno f*

Vln. II *meno f* *ff* *meno f*

Vla. *ff* *meno f*

Vc. *meno f* *ff* *meno f*

Cb. *meno f* *ff* *meno f*

1. a 2.

2. a 2.

2. a 2.

2.

div.

192

Fl. *ff*

Ob. *ff*

Cl. *ff*

Fg. *ff*

Trp. *meno f* 2. a 2 *ff*

Tpt. *ff*

Trb. a 2 (b) *ff*

Timp. 2 3 4 2

S.

A.

T.

B.

Acord. *ff*

Vln. I *ff*

Vln. II *ff* unis.

Vla. *ff*

Vc. *ff*

Cb. *ff*

200

*rall.*

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Acord.

*rall.*

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

arco

arco

Tinha um lugar cativo naquele canto da ruela, debaixo de um candeeiro velho, que derramava sobre ela um jorro de claridade, como uma chuva de luar. Começava ao entardecer e ali permanecia até que o seu homem viesse buscar, já de madrugada, pois é de noite que vivem as mulheres da vida.

Adelaide submetera-se docilmente àquele regime. Antes de o alcoviteiro a levar para a alcova e lhe propor o trato, vadiava pela cidade em compita desigual com as outras, que tinham posto fixo de recepção de clientes e homens que lhe defendiam o território, quais guardas pretorianos. Desde que ficara com dono, gozava de uma certa tranquilidade, porque alguém provia à sua segurança.

Muitas vezes se lembrava da fábula do cão magro e do cão gordo, e sabia agora, por amarga experiência, que a liberdade vale todos os sacrifícios. Sobretudo neste dia, véspera de Natal, em que vender a carne era também vender a alma. Mas o Ruivo não a dispensara do turno, porque a fome de dinheiro não se cala com piedosos sentimentos. Apenas lhe prometera, depois de muito insistir, que a viria buscar mais cedo:

- Avias dois ou três, e à meia noite ficas livre para o teu Menino Jesus...

E ali estava ela, no seu posto de venda, a assistir ao corropio de gente carregada de prendas festivas que a olhava, especialmente os homens, com um misto de ternura e concupiscência. As mulheres passavam ao largo com um soslaio de misericordiosa censura. Ainda ninguém a abordara, era passante das dez horas, e o tempo começava a ser escasso para a safra do dia. Quando os réditos não alcançavam as previsões, tinha de encontrar uma boa desculpa, porque o homem era insensível à inconstância do mercado e, até, às condições atmosféricas que, sendo invernosas, como acontecia, faziam rarear os eventuais clientes.

*(Segue n.º 5 – A Oriente)*

# 5 - A Oriente

Contemplativo (♩ = 71)

The musical score is arranged in a standard orchestral format. It begins with a tempo marking of 'Contemplativo' and a quarter note equal to 71 beats per minute. The key signature is three flats (B-flat, E-flat, A-flat), and the time signature is 3/4. The instruments listed on the left are: Flautas, Oboés, Clarinetes em Sib (with a '1. Solo' marking and 'pp dolente' dynamic), Fagotes, Trompas em Fá, Trompetas em Sib, Trombones, Tubular Bells, Tímpanos, Harpa, Guitarra de Coimbra, Soprano Solo, Soprano, Alto, Tenor, Baixo, Acordeão, Violinos I, Violinos II, Violas, Violoncelos, and Contrabaixos. The Clarinetes em Sib part features a prominent solo with five-measure rests and a 'pp dolente' dynamic. The vocal soloist part is marked with a double bar line and the instruction 'Afastou-se ligeiramente do local, num passo incerto, como se flutuasse na música envolvente que irrompia da praça e inundava a ruela.' The score consists of 10 measures.

9

Cl.

— Era uma música dolente, nem parecia de Natal, a fazer lembrar a dos saltimbancos que, nos idos da sua adolescência, montavam quitanda no largo da aldeia, enfeitando, com suas lérias, cânticos e acrobacias, os ingênuos camponeses. Foi a um desses comediantes que entregou a virgindade, rendida pelo ágil clarinete que ele empunhava, como um troféu, por entre a multidão em transe, antes de cabriolar sobre a manta de riscas vermelhas. —

20

Cl.

— Uma vez, veio solfejar-lhe ao ouvido, e aquelas notas avulsas, ligadas pelo íman dos seus olhos acesos, penetraram dentro de si como uma mensagem celeste. No dia seguinte, quando se encontraram no caminho ocasional da fonte, não foram necessárias mais palavras para Adelaide se deixar iniciar nos mistérios do amor. —

29

Tub. B.

*ppp*

— Tinham passado dez anos. [...] —

Vln. I

*ppp*

Vln. II

*ppp*

Vla.

*ppp*

Vc.

*f*

Cb.

*f*

39

Tub. B.

— [...] onde a esperavam empregos fugazes e homens mais fugazes, cujo amor durava apenas o instante fátuo da ereção. —

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

50

Tub. B.

Hp.

*mf* 3

8<sup>va</sup>

Um deles deixou-lhe no ventre, por descuido, a semente de um filho. [...]

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *timbrado*

Cb.

57

Tub. B.

Hp.

3

3

3

[...] partiu para terras desconhecidas e a entregou a uma tia mais pobre do que eles, com uma ninhada de filhos.

Narr.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

63

Hp.

*p*

3

3

3

3

S. Solo

*p dolce*

Há vin - te sé-cu-los, pon-tual-men - te, nes - ta noi - te, a es-ta



72 (8)

Hp. *3* *3* *3* *3* Eb Eb

S. Solo ho - ra, na a - bó - ba - da do céu, a o - ri - en - te, u - ma Es - tre - la ful - ge cor de o - pa - la. Men - sa -

Vc. solo *p*

81 (89)

Hp. *3* *3* *3* *3* Eb Eb 8va *poco più f*

Gtr. *mf*

S. Solo - gei - ra do a - mor, o pró - prio Tem - po sus - pen - de a res - pi - ra - ção a es - cu - tá - la.

Vc. pizz.

90 (8)

Hp. *3* *3* *3*

Gtr.

101 (8)

99

Hp. *3* *3* *3* *3*

Gtr. *7* *7* *7* *7* *più f*

S. Solo A Na - tu - re - za pá - ra, a - té o mar, não tem bra - mi - do que se a

Vc. arco *mf*

107

8<sup>va</sup>

Hp.

Gtr.

S. Solo

Vc.

-foi - te. E o ven - to e-mo-cio - na - do vai pou - sar, — co-mo u-ma flor, man-sa -

pizz.

B $\flat$   
E $\flat$   
D $\sharp$

119

115

8<sup>va</sup>

1. *mf dolce*

Cl.

Hp.

Gtr.

S. Solo

Acord.

Vc.

men - te nos om - bros des-ta noi - te.

*mf dolce*

arco  
molto legato

D $\flat$   
A $\sharp$   
B $\flat$   
A $\flat$   
E $\flat$

123

8<sup>va</sup>

Cl.

Hp.

Gtr.

Acord.

Vc.

131

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S. *f marcato (irado)*  
Só o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di - feren-te ao a - bra-ço da Dis - tân-cia, rês per - di-da que flu

A. *f marcato (irado)*  
Só\_ o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di - feren-te ao a - bra-ço da Dis - tân-cia, rês per - di-da que flu

T. *f marcato (irado)*  
Só\_ o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di - feren-te ao a - bra-ço da Dis - tân-cia, rês per - di-da que flu

B. *f marcato (irado)*  
Só o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di - feren-te ao a - bra-ço da Dis - tân-cia,

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

142

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*f*

*a 2*

*più f*

*sfz*

*tutti sfz*

-tu - a à to-na des-me-di-da da ga - nân-cia, Só o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di

-tu - a à to-na des-me-di-da da ga - nân-cia, Só\_ o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di

-tu - a à to-na des-me-di-da da ga - nân-cia, Só\_ o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di

à to-na des-me-di-da da ga - nân-cia, Só o Ho-mem não pá-ra a con-tem-plar o si-nal do céu\_ e con-ti - nu-a in-di

152

Fl. *più f*

Ob. *più f*

Cl. *più f*

Fg. *più f*

Trp. *f*

Tpt. *f*

Trb. *f*

Tub. B. *f*

Timp. *f*

S.  
feren - te ao a - bra - ço da Dis - tân - cia, rês per - di - da que flu - tu - a à

A.  
feren - te ao a - bra - ço da Dis - tân - cia, rês per - di - da que flu - tu - a à

T.  
feren - te ao a - bra - ço da Dis - tân - cia, rês per - di - da que flu - tu - a à

B.  
feren - te ao a - bra - ço da Dis - tân - cia, rês per - di - da que flu - tu - a à

Vln. I *più f*

Vln. II *più f*

Vla. *più f*

Vc. *più f*

Cb. *più f*

158

Fl. *ff*

Ob. *ff*

Cl. *ff*

Fg. *ff*

Trp. *ff*

Tpt. *ff*

Trb. *ff*

Tub. B. *cresc. poco a poco* *ff*

Timp. *cresc. poco a poco* *ff*

S. *ff*  
to-na des-me-di-da da ga-nân - - - cia, ga-nân - cia, ga-nân - cia.

A. *ff*  
to-na des-me-di-da da ga-nân - - - cia, ga-nân - cia, ga-nân - cia.

T. *ff*  
to-na des-me-di-da da ga-nân - - - cia, ga-nân - cia, ga-nân - cia.

B. *ff*  
to-na des-me-di-da da ga-nân - - - cia, ga-nân - cia, ga-nân - cia.

Vln. I *ff*

Vln. II *ff*

Vla. *ff*

Vc. *ff*

Cb. *ff*

Adelaide estava grávida quando conheceu o homem que lhe dera, finalmente, alguma segurança. Encontraram-se na noite da cidade, numa outra rua devassada por bêbados e polícias, fez-lhe apenas um sinal, num gesto que não se aprende, porque está inscrito na memória arcaica como um código universal. Correu submissa e sorridente, mas viu logo, nas primeiras falas, que não se tratava de um vulgar cliente. Era um homem do negócio, vendia mulheres à percentagem e, em troca, garantia-lhes arrimo, protecção e, por vezes, uma noite na cama. Corou quando ele lhe disse, cruamente, ao que vinha:

- Há tempo que te observo, rapariga. És bonita, atraente e, se quiseres, podes ter um bom futuro, trabalhando para mim...

Ia a esboçar um movimento de repulsa, mas ele apertou-lhe a mão em riste e continuou:

- Andas de um lado para o outro, a fugir à polícia, não tens pouso nem rendimento certo. O que eu te proponho é ficares por minha conta, eu protejo-te, arranjo-te clientes e tu dás-me metade da fêria...

Já não sabe o que lhe disse. Lembra-se vagamente que as palavras traíram a sua vontade como acontece, quase sempre, no diálogo entre os fracos e os fortes, os inocentes e os espertos, a erva e o vento. Quem está na lama agarra-se à primeira ilusão para não se afogar de todo. E foi assim que, há peito de um ano, começou a trabalhar para aquele homem, cujo nome nunca soube ao certo, mas a quem chamavam Ruivo, certamente por causa do cabelo fulvo, a cor das suas noites de insónia.

Mas havia outras condições, que só depois lhe foram impostas. Tinha de abortar e tornar-se estéril, para não atrapalhar o negócio, e tinha de lhe garantir um rendimento diário. Era pegar ou largar...



*(Segue n.º 6 – Música Suave)*

# 6 - Música Suave


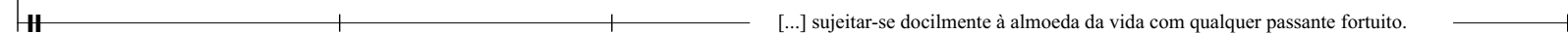
Melancólico (♩ = 71)

The musical score is arranged in a standard orchestral format. It begins with a tempo marking of 'Melancólico' and a quarter note equal to 71 beats per minute. The key signature is three flats (B-flat major or D-flat minor), and the time signature is 3/4. The instruments listed on the left are: Flautas, Oboés, Clarinetes em Sib (with a first ending bracket), Fagotes, Trompas em Fá, Trompetes em Sib, Trombones, Tubular Bells, Tímpanos, Harpa, Narrador, Guitarra de Coimbra, Soprano Solo, Soprano, Alto, Tenor, Baixo, Violinos I, Violinos II, Violas, Violoncelos, and Contrabaixos. The Clarinetes em Sib part features a melodic line starting with a first ending bracket, marked 'pp' and 'dolente'. The Narrador part includes the text: 'Aceitou tudo. Já não havia outra saída, porque se recusasse, a vida tornar-se-ia insuportável, [...]'.

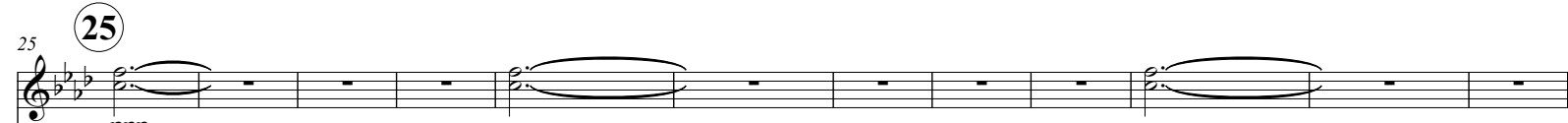
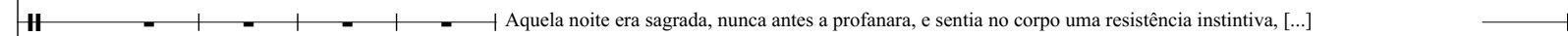
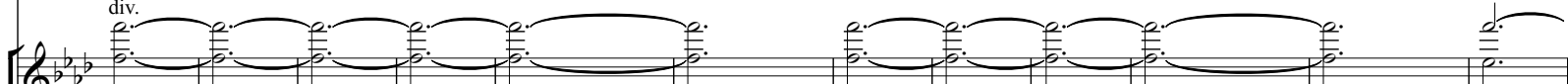
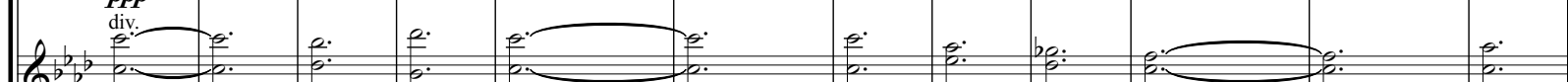





12  
Cl.   
Narr. 




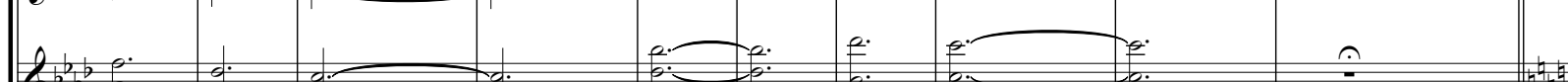





18  
Cl.   
Narr.  [...] sujeitar-se docilmente à almoeda da vida com qualquer passante fortuito.



25 **25**  
Tub. B.   
Narr.  Aquela noite era sagrada, nunca antes a profanara, e sentia no corpo uma resistência instintiva, [...]  
Vln. I   
Vln. II   
Vla.   
Vc.   
Cb. 



37  
Tub. B.   
Narr.  [...] - Olha a gaja! O que não falta são putas...  
Vln. I   
Vln. II   
Vla.   
Vc.   
Cb. 

Adelaide viu as horas, eram quase onze,  
já pouca gente povoava o silêncio da ruela,  
era tempo de família, [...]

[...] bota cá o dinheiro, sua safada, e ela  
sem uma nota das grandes para lhe aplacar  
o génio perverso, pior do que um  
temporal desfeito.

—||— O canídeo afastou-se em passo lento, meditativo. Adelaide viu-o a desaparecer na esquina, [...]

47

Gtr.

Vln. I (div.) pp

Vln. II unis. pp

Vla. pp

Vc. pp

Cb. pp



60

Fg. p 1. 2. p

Trp. p 1.

Narr. ||

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

74

Fg. *a 2*  
*poco più f*

Trp. *a 2*  
*poco più f*

Narr. || ————— Correram para a estação. Algum comboio os haveria de levar para o outro lado da vida. - Mãe! - disse o rapaz, beijando-lhe a mão. ————— ||

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.



87

Com leveza (♩ = 100)

87

Ob. *1.*  
*mp*

Cl. *1.*  
*mp*

Gtr. *mf*

S. Solo *mf*

Vln. I *p*

Vln. II *p*

Vla. *p*

Vc. *p*

Cb. *p*

Com leveza (♩ = 100) pizz. Mú - si - ca su - a - ve co - mo a ne - ve ca - ín - do de - va -

97

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*colla parte*

*mp*

*leve*

*mf*

1.

- gar no es - pa - ço bre - ve de um so-nho pres-tes a a - cor - dar. U - ma

106

Fl. Ob. Cl. Fg. Trp. Tpt. Trb. Tub. B. Timp. Hp. Gtr. S. Solo S. A. T. B. Vln. I Vln. II Vla. Vc. Cb.

flau - ta cho - ra nes - ta noi - te fri - a. O ven-to can - ta lá fo - ra a

Detailed description: This page of a musical score, numbered 106, contains parts for various instruments and a vocal soloist. The woodwind section includes Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), and Bassoon (Fg.). The brass section includes Trumpet (Trp.), Trompete (Tpt.), Trombone (Trb.), and Bass Trombone (Tub. B.). The percussion section includes Timpani (Timp.), Harp (Hp.), and Guitar (Gtr.). The vocal section features a Soloist (S. Solo) with lyrics in Italian: "flau - ta cho - ra nes - ta noi - te fri - a. O ven-to can - ta lá fo - ra a". There are also parts for Soprano (S.), Alto (A.), Tenor (T.), and Bass (B.). The string section includes Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.). The score includes complex rhythmic patterns with triplets and slurs in the woodwind parts, and a melodic line for the soloist.

115

Fl.

Ob. *a 2*

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo  
mes - ma sin - fo - ni - a. E eu a - qui fel e vi - na - gre sem ter con - so - la -

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

Detailed description: This page of a musical score, numbered 102, contains measures 115 through 122. The score is arranged in a standard orchestral format. The woodwind section includes Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), and Bassoon (Fg.). The brass section includes Trumpet (Trp.), Trompete (Tpt.), Trombone (Trb.), and Bass Trombone (Tub. B.). The percussion section includes Timpani (Timp.) and Harp (Hp.). The string section includes Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.). A vocal soloist (S. Solo) is featured with lyrics in Portuguese. The score includes various musical notations such as slurs, ties, and dynamic markings like 'a 2' for the Oboe. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4.

125

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

1.

*p*

*mp*

- ção, quan - do a - fi - nal, o mi - la - gre

131

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp. *a 2*  
*mf*

Tpt. *mf*

Trb. *1.*  
*mf*

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo *più f*  
é ou - vir o co - - - ra - - - ção.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.



Fl. -  
Ob. -  
Cl. - *a 2* *mf*  
Fg. - *a 2* *mf*  
Trp. -  
Tpt. -  
Trb. -  
Tub. B. -  
Timp. -  
Hp. - *mf* B $\flat$   
Gtr. -  
S. - *mf* Mú - si - ca su - a - ve co - mo a ne - ve ca -  
A. - *mf* Mú - si - ca su - a - ve co - mo a ne - ve, ne - ve ca -  
T. - *pp* Ó Ó  
B. - *pp* Ó Ó  
Vln. I - arco *p*  
Vln. II - arco *p*  
Vla. - arco *p*  
Vc. - *mf*  
Cb. - *mf*

145

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp. *mf* 1.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp. F# B# G# Bb G# F#

Gtr.

S. de - va - gar no de um so-nho  
in - do de - va - gar no es - pa - ço bre - ve de um so-nho pres - tes a a - cor -

A. in - do de - va - gar no es - pa - ço bre - ve de um so-nho pres - tes a a - cor -

T. Ô Ô

B. Ô Ô

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

153

a 2

*mf*

3 3 3

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

cho - ra nes - ta

dar. U - ma flau - ta cho - ra nes - ta noi - te fri - a.

dar. U - ma flau - ta cho - ra nes - ta noi - te fri - a.

ô

ô

B $\natural$  G $\sharp$  G $\natural$

161

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Tub. B.  
Timp.  
Hp.  
Gtr.  
S.  
A.  
T.  
B.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

O ven - to can - ta lá fo - ra a mes - ma sin - fo - ni - a.  
O ven - to can - ta lá fo - ra a mes - ma sin - fo - ni - a.  
ò  
ò

169

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf*

*mf*

*mf*

*mf*

B $\sharp$  G $\sharp$  F $\sharp$  G $\sharp$

E eu a - qui fel e vi - na - gre sem ter con - so - la - ção, quan-do, a-fi-

E eu a - qui fel e vi - na - gre sem ter con - so - la - ção, quan-do, a-fi-

Ô

Ô

178

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp. a 2

Tpt. a 2

Trb. a 2

Tub. B.

Timp.

Hp. F#

Gtr.

S.  
nal, o mi - la - gre é ou - vir o co - - ra - - ção.

A.  
nal, o mi - la - gre é ou - vir o co - - ra - - ção.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

a tempo

**186** *allarg.* *cresc.*

Fl. *cresc.*

Ob. *cresc.*

Cl. *cresc.*

Fg. *cresc.*

Trp. *cresc.* 3 *f*

Tpt. *cresc.* 3 *f*

Trb. *cresc.* 3 *f*

Tub. B.

Timp. *mf cresc.* 3 *f*

Hp. *C# cresc.* *gliss.* *F#* *f*

Gtr. *f*

S. *f* Mú - si - ca su - a - ve co - mo a

A. *f* Mú - si - ca su - a - ve co - mo a

T. *f* Ah! Noi - - te fe - liz! Noi - - te fe -

B. *f* Ah! Noi - - te fe - liz, Noi - - te fe -

**187** *a tempo*

Vln. I *allarg.* *cresc.* *f*

Vln. II *cresc.* *f*

Vla. *cresc.* *arco* *f*

Vc. *cresc.* *arco* *f*

Cb. *cresc.* *f*

193

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Tub. B.  
Timp.  
Hp.  
Gtr.  
S.  
A.  
T.  
B.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

ne - ve ca - in - do de - va - gar no es - pa - ço bre - ve  
ne - ve, ne - ve ca - in - do de - va - gar no es - pa - ço bre - ve  
- liz! Ó, Je - sus, Deus da  
- liz, Ó, Je - sus, Deus da



201

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Tub. B.  
Timp.  
Hp.  
Gtr.  
S.  
A.  
T.  
B.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

de um so - nho  
de um so - nho pres - tes a a - cor - dar. U - ma flau - ta  
de um so - nho pres - tes a a - cor - dar. U - ma flau - ta  
luz, quão a - fá - - - - vel é  
luz, quão a - fá - - - - vel é

*f*

8<sup>va</sup>

207

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

cho - ra nes - ta  
 cho - ra nes - ta noi - te fri - a. O ven - to can - ta lá  
 cho - ra nes - ta noi - te fri - a. O ven - to can - ta lá  
 teu co - ra - ção que qui - ses - -  
 teu co - ra - ção que qui - ses - -

(8)

214

Fl. *meno f*

Ob. *meno f*

Cl. *meno f*

Fg.

Trp. *meno f mas caloroso*

Tpt.

Trb. *meno f mas caloroso*

Tub. B. *meno f*

Timp.

Hp. *G<sup>7</sup> C<sup>7</sup> C<sup>7</sup> A<sup>7</sup>*

Gtr.

S. fo - ra a mes - ma sin - fo - ni - a. E eu a - qui

A. fo - ra a mes - ma sin - fo - ni - a. E eu a - qui

T. - te nas - cer nos - so ir - mão e a nós

B. - te nas - cer nos - so ir - mão e a nós

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

221

Fl. *più f*

Ob. *più f*

Cl. *più f*

Fg. *più f*

Trp. *più f*

Tpt. *più f*

Trb. *più f*

Tub. B. *poco a poco cresc.*

Timp.

Hp. *più f*

Gtr. *più f*

S. fel e vi - na - gre sem ter con - so - la - ção, quan - do, a - fi - nal,

A. fel e vi - na - gre sem ter con - so - la - ção, quan - do, a - fi - nal,

T. to - - dos sal - var! E a nós

B. to - - dos sal - var! E a nós

Vln. I *più f*

Vln. II *più f*

Vla. *più f*

Vc. *più f*

Cb. *più f*

229

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Tub. B.  
Timp.  
Hp.  
Gtr.  
S.  
A.  
T.  
B.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

o mi - la - gre é ou - vir o co - ra - ção.  
o mi - la - gre é ou - vir o co - ra - ção.  
to - dos sal - var!  
to - dos sal - var!





*A bicicleta*





*Quadro III [A BICICLETA]*

## [7 – ESCREVO NATAL]

Escrevo Natal e lembro-me das crianças,  
das crianças pobres, abandonadas,  
que só têm a ternura do Sol  
nas praças onde crescem suas lágrimas.

Escrevo Natal e lembro-me dos velhos  
sem um braço amigo uma palavra  
gritando em silêncio a sua mágoa  
como as árvores antes de morrer.

Escrevo Natal e lembro-me do sofrimento  
dos que vivem nas trevas do luto  
por terem matado as suas vidas  
quem podia dar-lhes um pouco de luz.

É noite na minha alma neste dia universal  
por tanta injustiça sem remorso à solta.

Todos os anos, uns dias antes do Natal, a Irmã Teresa faz a sua caminhada pelos comerciantes da cidade. É uma verdadeira via-sacra, longa e dolorosa, que só não termina no calvário, porque a freira tem a paciência de Job, a compreensão de S. Francisco de Assis e a persistência dos que sabem que a fé ainda remove montanhas. E, em verdade, sempre consegue vencer as dificuldades e apaziguar o bernal da sua inquietude.

Muitos comerciantes desculpavam-se, o negócio corria mal, mas outros, vencida a resistência inicial e, quem sabe, aceitando como boa a promessa de que Deus lhes pagaria, iam tirando das prateleiras as mercadorias que constavam da extensa lista que a Irmã Teresa desdobrava candidamente sobre o balcão.

- Este ano preciso de...

Desfiava o rol correspondente aos pedidos das crianças, desenhados em letra trémula nas cartas que, sob a sua orientação materna, todas escreviam ao Menino-Jesus.

A freira conhecia as carências inadiáveis dos filhos adoptivos, calças, sapatos, camisolas, às vezes uns brinquedos baratos, e sempre, na manhã de Natal, as prendas apareciam junto do presépio, caídas do céu, era o milagre, a festa redentora de um ano de privações.

Alguns meninos pediam o impossível, coisas caras, mas a Irmã Teresa encontrava sempre forma, com o seu sorriso de anjo, de trazer a inocência à realidade da vida.

- Quero uma boneca que fale - disse a Cristina, com os olhos brilhantes, a antegozar a posse deslumbrada do brinquedo apetecido.

- Olha, minha querida, era melhor pedires um casaco, que te faz muita falta - e apertou-a ao peito, dissimulando uma lágrima, enquanto a beijava ternamente na testa.

A criança hesitou, estava indecisa entre o desejo e a ternura, e a freira aproveitou para lhe pegar na mãozita e ajudá-la a escrever a carta:

*Meu Menino-Jesus  
peço que me tragas um casaco comprido...*

- Vermelho - acrescentou a Cristina, com entusiasmo, já esquecida da boneca, falante.

Era assim todos os anos. Escritas as cartas e organizado o rol das prendas, a Irmã Teresa fazia a costumada incursão pelas lojas do burgo, confiada na solidariedade que a quadra natalícia sempre desperta, mesmo nos corações mais empedernidos.

Era uma mulher frágil, mas determinada, porque acreditava no Homem e tinha um espírito de missão. A esperança era, para ela, mais do que uma virtude teológica, uma necessidade humana. Por isso, a casa onde recolhia crianças abandonadas chamava-se, simbolicamente, *Lar da Esperança*. Tirara um curso universitário e diziam que provinha de famílias ricas. Mas sacrificara tudo à vocação profunda de servir os outros. Um dia disse aos pais que se ia embora, à descoberta do mundo.

- A descoberta de quê? - admiraram-se os velhos perante aquela insólita decisão.

- Da verdade - respondeu, sentindo pela primeira vez uma força estranha, indomável, como um sinal do céu, a guiar-lhe os passos. [8 – DEZEMBRO] – cc.: 1-12

Voltou anos depois para abrir o seu Lar na periferia da grande metrópole. Tinha a idade indefinida das pessoas que nunca envelhecem, porque um fogo interior lhes ilumina a alma. O cabelo, solto ao vento, à revelia dos regulamentos monásticos, denunciava o

implacável rodar do tempo. Mas o rosto, onde cantavam, como dois pássaros, uns olhos de comovente suavidade, conservava a beleza imarcessível dos que sabem resistir à morte da vida, porque se alimentam do amor ao próximo.

Gravitação do tempo seiva alada  
palavra navegável até onde  
a memória remonta e amanhece

Amadurecer de leivas claridade  
da alma quando olha e reconhece  
no outro o próprio rosto iluminado

Visível do invisível corpo ausente  
da verdade que procuras e não sabes  
que brota de ti como um suspiro

Metáfora da vida: cada ano  
Dezembro recolhe o fruto nado  
na ara do Tempo renascido.

E lá andava ela, calcorreando as ruas, entrando aqui e acolá, conforme a intuição e as exigências dos seus meninos. Sobre o burel usava apenas uma cruz de madeira suspensa por um fio de cabedal. Era uma figura respeitada na cidade. Muitos cumprimentavam-na familiarmente e alguns ofereciam-lhe dinheiro. Conheciam-lhe o carácter generoso e admiravam-se como conseguia, sozinha, manter a sua obra.

O saco estava cheio e era tempo de regressar. A noite começara já a tecer o seu manto de sombras para esconder mais aquele dia. Uma chuva tímida e gelada empalidecia as ornamentações natalícias.

A freira deteve-se no meio da praça, pousou o saco e sacudiu os cabelos molhados. Tinha uma dor na alma, uma angústia de lágrimas acesas, que ainda não conseguira apagar. Nunca tal lhe acontecera, mas hoje estava, quase a desistir. Por causa de uma simples bicicleta...

Quando chegou a vez do Francisco escrever a carta, a Irmã Teresa preparou-o para pedir uns sapatos. Era do que mais precisava. As velhas chancas com que aportara ao Lar, escorraçado pela noite imensa da cidade, estavam a desfazer-se. O rapaz parecia concordar, mas, de repente, pousou a caneta e proclamou:

- Quero uma bicicleta!

A freira explicou-lhe, com paciência evangélica, que os sapatos é que lhe faziam falta, que primeiro estavam as necessidades e só depois os brinquedos. O Menino-Jesus não havia de gostar...

O rapaz ouviu-a com ostensiva displicência, franzindo o nariz céptico e fungando ruidosamente. Era das crianças mais velhas e mais problemáticas. Já fizera dez anos e sabia da vida o que o diabo ensina aos que habitam nas margens escarpadas da sobrevivência.

- Quero uma bicicleta, pronto! - volveu o garoto, refugiando-se na sua teimosia feita de inocência e de recalamento.

A freira hesitou. Não via como moldar aquela agressividade, como resolver o dilema de o desiludir agora ou no dia de Natal, quando tivesse de lhe confessar que o Menino-Jesus não pudera satisfazer o seu desejo, pois era evidente que não conseguiria uma prenda tão cara.

E foi enquanto refreava a dor daquela impotência, contendo uma lágrima, ela que se habituara a iludir o impossível, que o rapaz a abraçou ternamente e lhe segredou ao ouvido:

- Mãe, tenho a certeza de que o Menino, se tu lhe pedires, me dará a bicicleta. O Menino é bom, amigo dos pobres...

A Irmã Teresa deixou então as lágrimas correrem-lhe pela face, livres como o vento que soprava no pátio. Não chorava de tristeza, mas de alegria. Era a primeira vez que Francisco a tratava assim, tocado, finalmente, pelo calor fraterno que iluminava aquela casa...

E ali estava a freira, parada no meio da praça, a cogitar como conseguir a bicicleta, a última prenda que lhe faltava. Não tinha dinheiro para a comprar e, certamente, não encontraria quem a oferecesse. Lembrou-se, porém, que havia uma loja de bicicletas próximo do rio. Não perdia nada em tentar.

A chuva engrossara, os transeuntes afadigavam-se e a música festiva escorria dos altifalantes como o latejar de um sonho longínquo. Raras vezes se deixará vencer pelo desânimo, mas agora só lhe restava acolher-se à sua fé.

- Meu Deus, ajudai-me! Não posso desiludir o Francisco...

Entrou no estabelecimento, encharcada por dentro e por fora, arrastando o saco. O portão estava atravancado de velocípedes de cores berrantes e modelos bizarros. Era um mundo desconhecido para a religiosa.

Um homem gordo, de camisa à pescador e barba grisalha, com um cigarro apagado, preso no canto da boca, interpelou-a sem cerimónias:

- Quer alguma coisa?

Ela disse ao que vinha, era Natal, um menino do Lar gostava muito de ter uma bicicleta, e talvez o senhor pudesse... [9 – A PALAVRA] – cc.: 1-7

O homem cortou-lhe cerce a esperança, cuspiendo o cigarro para a rua:

- Nem pense. Quem quer luxos, paga-os!

Há palavras vazias sem sentido,  
inúteis como folhas mortas  
tão gastas que são apenas  
sombrias dum tempo naufragado.

Palavras que perderam a memória  
de tanto serem ditas em vão  
tão fúteis como o limo das ideias  
traídas pela hipocrisia das bocas.

Mas há outras como a palavra Natal  
que resistem à erosão do olvido  
e permanecem tensas luminosas  
como a pura alegria das estrelas.

Palavra – rosto de Cristo gravada  
no pórtico de cada dia:  
Quem passa e não sente esta mensagem  
perdeu-se de si no silêncio das trevas.

A Irmã Teresa regressa a casa. Carrega o saco das prendas, mas o que mais lhe pesa é a frustração do Francisco. Coitado, devia ser um desejo antigo, do tempo em que ainda vivia na aldeia, antes de se perder na cidade grande. Vai ficar com esse recalamento para o resto da vida, como aconteceu ao senhor Arnaldo.

O Senhor Arnaldo era um comerciante de brinquedos, e todos os anos, pelo Natal, contribuía generosamente para enfeitar o presépio do Lar. Bom homem, mas dado à bebida e ao jogo. Falira, e estava agora na Casa dos Pobres, velho, doente e sem família, a jogar a última cartada com a vida. Também ele sonhara com uma bicicleta em sucessivos Natais da infância. E ficou-lhe sempre aquela ferida a suturar, maldizendo o pai, que não pôde, ou não quis, realizar o seu sonho de menino.

A freira resolveu visitá-lo. Não custa muito, fica no caminho, e sempre lhe leva algum alento. E o terceiro Natal que o Senhor Arnaldo vai passar na clausura fria daquelas paredes centenárias, onde outrora funcionou a Inquisição, e que ainda agora ressumam de humidade, as lágrimas perpétuas dos antigos supliciados.

No pequeno átrio, um pinheiro iluminado não chega para dissipar as sombras do passado. Desembaraça-se do saco e entra no dormitório. Conhece os cantos da casa e aquele odor à velhice sem esperança. Ao menos, no Lar, só havia crianças. Embora carenciadas, tinham a vida toda à sua frente. Aqui é o espectro da morte que vigia, como um antigo delator do Santo Ofício, os gestos dos asilados.

O Senhor Arnaldo dormita, meio deitado, meio sentado, como é seu costume, por causa da tensão alta. O vizinho folheia uma revista, sentado na cama. Do fundo da camarata vem um rressonar de maré cheia, que mais parece um gemido.

O velho comerciante adivinhou a aproximação da amiga e abriu os olhos fatigados. Sorriu, como se ela trouxesse a cura dos seus males.

- Estava à sua espera, Irmã!

- Vim fazer-lhe uma visitinha - e apertou-lhe cordialmente as mãos.

- Estava à sua espera, porque há dias joguei na rifa de Natal, sabe, uma espécie de loto...

- Sempre o jogo, meu amigo, sempre o jogo...
- Pois veja o que me aconteceu, algum dia tinha que acontecer, eu sabia...
- Então? - e a freira voltou a acariciar-lhe as mãos, num gesto solidário, bordejado por um largo sorriso.
- Saiu-me uma bicicleta! Uma bicicleta, ouviu bem?
- Meu Deus! - e o sorriso iluminou-se numa prece de agradecimento.
- Está ali! Leve-a para o seu presépio...

[10 – ORAÇÃO]

Vem, Jesus Menino  
resgatar a esperança  
deste tempo vencido pelo mal.  
Vem:  
quando tocar o sino  
quero voltar a criança  
e sentir outra vez que é Natal.

Vem, sereno pastor,  
Vem de mansinho  
Como quem acende a luz do dia.  
Vem:  
que a paz e o amor  
sejam o pão e o vinho  
da nova e fraterna eucaristia.

# 7 - Escrevo Natal

Lacrimoso (♩ = 69)

The musical score is arranged in two systems. The first system includes the following parts:

- Flautas:** Flutes, mostly resting.
- Oboés:** Oboes, with a melodic line starting in measure 8 marked *p cantabile*.
- Clarinetes em Sib:** Clarinets in B-flat, with a melodic line starting in measure 2 marked *p* and a second line starting in measure 10 marked *p dolce*.
- Fagotes:** Bassoons, with a melodic line starting in measure 8 marked *p dolce*.
- Trompas em Fá:** Trumpets in F, with a rhythmic accompaniment marked *p*.
- Trompetes em Sib:** Trumpets in B-flat, resting.
- Trombones:** Trombones, resting.
- Tubular Bells:** Tubular bells, resting.
- Tímpanos:** Timpani, resting.
- Soprano Solo:** Soprano soloist, resting.
- Soprano:** Soprano voice, resting.
- Alto:** Alto voice, resting.
- Tenor:** Tenor voice, resting.
- Baixo:** Bass voice, resting.

The second system includes the following parts:

- Solo Violino:** Solo violin, resting.
- Violinos I:** Violins I, resting.
- Violinos II:** Violins II, resting.
- Violas:** Violas, resting.
- Violoncelos:** Cellos, resting.
- Contrabaixos:** Double basses, resting.

The score is in 3/4 time with a key signature of two sharps (D major). The tempo is marked *Lacrimoso* with a quarter note equal to 69 beats per minute. Dynamics include *p* (piano) and *p dolce* (piano dolce).

13

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

S.

A.

T.

B.

*pp*

Es -

*pp*

Es -

*pp*

Es -

*pp*

Es -



25

Ob.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

*mf*

*mp*

e lem - bro - me das cri - an - ças, das cri - an - ças po - bres, a - ban - do -

-cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

-cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

-cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

-cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

*p*

*p*

*p*

*p*

32

Ob.

Fg.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

*mf*

-na - das, que só têm a ter - nu - ra do Sol nas pra - ças on - de cres - cem su - as lá - gri - mas.

es - cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

es - cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

es - cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

es - cre - vo Na - tal, b.f. es - cre - vo Na - tal, b.f.

*p*



41

Ob.

Fg.

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf*

*f espress.*

*mf doloroso*

*mf doloroso*

*mf doloroso*

*mf doloroso*

*mf doloroso*

48

Ob.

Fg.

Trp.

S. Solo

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mp*

*mf*

Es -

57

Fl.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

*mf*

*più f*

-cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal,

*mf*

e lem - bro - me dos ve - lhos sem um bra - ço a - mi - go u - ma pa -

*mf*

e lem - bro - me dos ve - lhos sem um bra - ço a - mi - go u - ma pa -

*mf*

e lem - bro - me dos ve - lhos sem um bra - ço a - mi - go u - ma pa -

*mf*

e lem - bro - me dos ve - lhos sem um bra - ço a - mi - go u - ma pa -

*mf*





73 **73**  
a 2

Fl. *f doloroso*

Ob. 1. *f pungente*

Cl. *f doloroso*

Fg. *doloroso*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S. Solo *più f*  
e lem-bro-me do so-fri-men-to, es-cre-vo Na-tal, Ah! Es-cre-vo Na-

S.  
-cre-vo Na-tal, ô, ô, ô, ô,

A.  
-cre-vo Na-tal, ô, ô, ô, ô,

T.  
-cre-vo Na-tal, ô, ô, ô, por-te-rem ma-

B.  
-cre-vo Na-tal, ô, dos-que vi-vem nas tre-vas do lu-to, ô,

**73**

Vln. I *f*

Vln. II *f*

Vla. *f*

Vc.

Cb.



91

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

Ah!

-cre - vo Na - tal, es - - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es -

-tal, es - cre - vo Na - - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na -

-cre - vo Na - tal, es - - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es -

-tal, es - cre - vo Na - - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na -

97

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp. *pp sub*

S. Solo

Ah! Ah!

S.

-cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal.

A.

tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, Na - tal.

T.

-cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal.

B.

-tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, es - cre - vo Na - tal, Na - tal.

Solo Vln.

tutti

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

105 **pp** **Meno mosso**

Tub. B.

Timp.

S. Solo **p** *ritmo libero*

É noi - te, é noi - te na mi - nha al - ma nes-te di - a u - ni - ver - sal

117

Tub. B.

Timp.

S. Solo

por tan-ta in-jus - ti - ça sem re - mor - so à sol - ta.

Todos os anos, uns dias antes do Natal, a Irmã Teresa faz a sua caminhada pelos comerciantes da cidade. É uma verdadeira via-sacra, longa e dolorosa, que só não termina no calvário, porque a freira tem a paciência de Job, a compreensão de S. Francisco de Assis e a persistência dos que sabem que a fé ainda remove montanhas. E, em verdade, sempre consegue vencer as dificuldades e apaziguar o bornal da sua inquietude.

Muitos comerciantes desculpavam-se, o negócio corria mal, mas outros, vencida a resistência inicial e, quem sabe, aceitando como boa a promessa de que Deus lhes pagaria, iam tirando das prateleiras as mercadorias que constavam da extensa lista que a Irmã Teresa desdobrava candidamente sobre o balcão.

- Este ano preciso de...

Desfiava o rol correspondente aos pedidos das crianças, desenhados em letra trémula nas cartas que, sob a sua orientação materna, todas escreviam ao Menino-Jesus.

A freira conhecia as carências inadiáveis dos filhos adoptivos, calças, sapatos, camisolas, às vezes uns brinquedos baratos, e sempre, na manhã de Natal, as prendas apareciam junto do presépio, caídas do céu, era o milagre, a festa redentora de um ano de privações.

Alguns meninos pediam o impossível, coisas caras, mas a Irmã Teresa encontrava sempre forma, com o seu sorriso de anjo, de trazer a inocência à realidade da vida.

- Quero uma boneca que fale - disse a Cristina, com os olhos brilhantes, a antegozar a posse deslumbrada do brinquedo apetecido.

- Olha, minha querida, era melhor pedires um casaco, que te faz muita falta - e apertou-a ao peito, dissimulando uma lágrima, enquanto a beijava ternamente na testa.

A criança hesitou, estava indecisa entre o desejo e a ternura, e a freira aproveitou para lhe pegar na mãozita e ajudá-la a escrever a carta:

*Meu Menino-Jesus  
peço que me tragas um casaco comprido...*

- Vermelho - acrescentou a Cristina, com entusiasmo, já esquecida da boneca, falante.

Era assim todos os anos. Escritas as cartas e organizado o rol das prendas, a Irmã Teresa fazia a costumada incursão pelas lojas do burgo, confiada na solidariedade que a quadra natalícia sempre desperta, mesmo nos corações mais empedernidos.

Era uma mulher frágil, mas determinada, porque acreditava no Homem e tinha um espírito de missão. A esperança era, para ela, mais do que uma virtude teologal, uma necessidade humana. Por isso, a casa onde recolhia crianças abandonadas chamava-se, simbolicamente, *Lar da Esperança*. Tirara um curso universitário e diziam que provinha de famílias ricas. Mas sacrificara tudo à vocação profunda de servir os outros. Um dia disse aos pais que se ia embora, à descoberta do mundo.

- A descoberta de quê? - admiraram-se os velhos perante aquela insólita decisão.

(Segue n. 8 – Dezembro)

# 8 - Dezembro

Solene (♩ = 48)

Flautas

Oboés

Clarinetes em Sib

Fagotes

Trompas em Fá

Trompetas em Sib

Trombones

Tubular Bells

Tímpanos

Soprano I

Soprano II

Alto I

Alto II

Tenor I

Tenor II

Baixo

Violinos I

Violinos II

Violas

Violoncelos

Contrabaixos

*pp*

*p*

1.

a.2

- Da verdade - respondeu, sentindo pela primeira vez uma força estranha, indomável, como um sinal do céu, a guiar-lhe os passos. [...]

[...] Mas o rosto, onde cantavam, como dois pássaros, uns olhos de comovente suavidade, conservava a beleza imarcessível dos que sabem resistir à morte da vida, porque se alimentam do amor ao próximo.

13

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S.

A.

T. I

T. II

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*pp* *ff* *pp* *ff* *pp*

*p*

*pp* *pp*

13

*pp* *pp*

Gra - vi-ta-ção do tem-po sei-va a - la - da pa - la-vra na-ve - gá-vel a-té on - de a me - mó-ria re - mon-ta e a-ma - nhe - ce

a - té on - de a me - mó-ria re - mon-ta e a-ma - nhe - ce

a me - mó-ria re - mon-ta e a-ma - nhe - ce

ô,

ô,



25

(34)

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp. *pp subito*

S.

A.

T. I

T. II

B.

(34)

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*f* *ff* *mf* *cresc.*

A-ma-du-re - cer de lei-vas cla-ri - da-de da al-ma quan-do o-lha e re-co - nhe-ce no ou-tro o pró-prio ros-to j-

A-ma-du-re - cer de lei-vas cla-ri - da-de da al-ma quan-do o-lha e re-co - nhe-ce no ou-tro o pró-prio ros-to j-

A-ma-du-re - cer de lei-vas cla-ri - da-de da al-ma quan-do o-lha e re-co - nhe-ce no ou-tro o pró-prio ros-to j-

*cresc.*

*cresc.*

*cresc.*

*cresc.*

*cresc.*

*cresc.*



43

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S.

A.

T. I

T. II

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

- sí - vel do in - vi - sí - vel cor - po au - sen - te da ver - da - de que pro - cu - ras e não

e não

- sí - vel do in - vi - sí - vel cor - po au - sen - te da ver - da - de que pro - cu - ras e não

*ff* *p*

Detailed description: This is a page of a musical score, page 43, numbered 139. It features a variety of instruments and vocal parts. The instruments include Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), Bassoon (Fg.), Trumpet (Trp.), Trompete (Tpt.), Trombone (Trb.), Tubist Basso (Tub. B.), Timpani (Timp.), Soprano (S.), Alto (A.), Tenor I (T. I), Tenor II (T. II), Bass (B.), Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabasso (Cb.). The score is written in a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The vocal parts (S., A., T. I, T. II, B.) have lyrics in Portuguese. The timpani part includes dynamic markings *ff* and *p*. The woodwind and brass parts are mostly rests, while the strings (Vln. I, Vln. II, Vla., Vc., Cb.) and tubist basso play sustained chords. The page number '43' is at the top left, and '139' is at the top right.

49

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S.

A.

T. I

T. II

B.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*ff* *p* *ff* *mf* *più f* *f* (S. II) *f* (A. II) *f* *mf* *mf* *mf* *mf*

sa - bes que bro - ta de ti co - mo um sus - pi - ro Me

sa - bes que bro - ta de ti co - mo um sus - pi - ro Me

sa - bes que bro - ta de ti co - mo um sus - pi - ro Me -

div. *f* *mf*

55

55

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S. I

ah!

S. II

tá-fo-ra da vi-da: ca - da a - no De-zem - bro re - co-lhe o fru-to na - do na a - ra do Tem-po re - nas - ci - do.

A. I

ah!

A. II

tá-fo-ra da vi-da: ca - da a - no De-zem - bro re - co-lhe o fru-to na - do na a - ra do Tem-po re - nas - ci - do.

T. I

- tá-fo-ra da vi-da: ca - da a - no De-zem - bro re - co-lhe o fru-to na - do na a - ra do Tem-po re - nas - ci - do.

T. II

ah!

B.

ah!

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf*

*ff*

*mf*

*ff*

*mf*

*f*

*più f*

*più f*

*più f*

*più f*

*più f*

66

66

Fl. *f* 3

Ob. *f* 3

Cl. *f* 3

Fg. *f* 3

Trp. *più f* 3

Tpt. *mf* 3

Trb. *mf* 3

Tub. B. *cresc.*

Timp. *f* *mf subito* *ff* *mf*

S. I

S. II  
— A-ma-du-re - cer de lei-vas cla-ri - da - de da al-ma quan-do o - lha e re-co - nhe-ce no ou-tro o pró-prio ros-to i-

A. I *cresc.*

A. II *cresc.*

T. I *cresc.*  
— A-ma-du-re - cer de lei-vas cla-ri - da - de da al-ma quan-do o - lha e re-co - nhe-ce no ou-tro o pró-prio ros-to i-

T. II *cresc.*

B. *cresc.*

Vln. I

Vln. II *cresc.*

Vla.

Vc.

Cb.

This page of a musical score, numbered 143, contains the following parts and markings:

- Woodwinds:** Flute (Fl.), Oboe (Ob.), Clarinet (Cl.), Bassoon (Fg.), Trumpet (Trp.), Trombone (Tpt.), and Tubistone (Tub. B.).
- Percussion:** Timpani (Timp.).
- Strings:** Violin I (Vln. I), Violin II (Vln. II), Viola (Vla.), Violoncello (Vc.), and Contrabass (Cb.).
- Voice:** Soprano I (S. I), Soprano II (S. II), Alto I (A. I), Alto II (A. II), Tenor I (T. I), Tenor II (T. II), and Bass (B.).

The score includes various musical notations such as dynamics (e.g., *ff*), articulation (e.g., *tr*), and rhythmic figures (e.g., triplets and sixteenth notes). The vocal parts include the lyrics: *- lu - mi - na - - - - do.*

83

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

S.

A.

T. I

T. II

B.

83

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

The musical score is for measures 83 through 87. It features a woodwind section (Flute, Oboe, Clarinet, Bassoon), a brass section (Trumpet, Trombone, Tuba, Trombones), and a string section (Violins I & II, Viola, Violoncello, Contrabass). The woodwinds and brass play sustained notes, while the strings play a rhythmic accompaniment. The Trombone part includes articulation marks (1., 3., a.2) and dynamic markings (p, pp). The Flute, Oboe, Clarinet, Bassoon, Trumpet, and Trombone parts have rests for the first five measures, then enter in measure 6. The strings play throughout the entire passage.



E lá andava ela, calcorreando as ruas, entrando aqui e acolá, conforme a intuição e as exigências dos seus meninos. Sobre o burel usava apenas uma cruz de madeira suspensa por um fio de cabedal. Era uma figura respeitada na cidade. Muitos cumprimentavam-na familiarmente e alguns ofereciam-lhe dinheiro. Conheciam-lhe o carácter generoso e admiravam-se como conseguia, sozinha, manter a sua obra.

O saco estava cheio e era tempo de regressar. A noite começara já a tecer o seu manto de sombras para esconder mais aquele dia. Uma chuva tímida e gelada empalidecia as ornamentações natalícias.

A freira deteve-se no meio da praça, pousou o saco e sacudiu os cabelos molhados. Tinha uma dor na alma, uma angústia de lágrimas acesas, que ainda não conseguira apagar. Nunca tal lhe acontecera, mas hoje estava, quase a desistir. Por causa de uma simples bicicleta...

Quando chegou a vez do Francisco escrever a carta, a Irmã Teresa preparou-o para pedir uns sapatos. Era do que mais precisava. As velhas chancas com que aportara ao Lar, escoraçado pela noite imensa da cidade, estavam a desfazer-se. O rapaz parecia concordar, mas, de repente, pousou a caneta e proclamou:

- Quero uma bicicleta!

A freira explicou-lhe, com paciência evangélica, que os sapatos é que lhe faziam falta, que primeiro estavam as necessidades e só depois os brinquedos. O Menino-Jesus não havia de gostar...

O rapaz ouviu-a com ostensiva displicência, franzindo o nariz céptico e fungando ruidosamente. Era das crianças mais velhas e mais problemáticas. Já fizera dez anos e sabia da vida o que o diabo ensina aos que habitam nas margens escarpadas da sobrevivência.

- Quero uma bicicleta, pronto! -olveu o garoto, refugiando-se na sua teimosia feita de inocência e de recalçamento.

A freira hesitou. Não via como moldar aquela agressividade, como resolver o dilema de o desiludir agora ou no dia de Natal, quando tivesse de lhe confessar que o Menino-Jesus não pudera satisfazer o seu desejo, pois era evidente que não conseguiria uma prenda tão cara.

E foi enquanto refreava a dor daquela impotência, contendo uma lágrima, ela que se habituara a iludir o impossível, que o rapaz a abraçou ternamente e lhe segredou ao ouvido:

- Mãe, tenho a certeza de que o Menino, se tu lhe pedires, me dará a bicicleta. O Menino é bom, amigo dos pobres...

A Irmã Teresa deixou então as lágrimas correrem-lhe pela face, livres como o vento que soprava no pátio. Não chorava de tristeza, mas de alegria. Era a primeira vez que Francisco a tratava assim, tocado, finalmente, pelo calor fraterno que iluminava aquela casa...

E ali estava a freira, parada no meio da praça, a cogitar como conseguir a bicicleta, a última prenda que lhe faltava. Não tinha dinheiro para a comprar e, certamente, não encontraria quem a oferecesse. Lembrou-se, porém, que havia uma loja de bicicletas próximo do rio. Não perdia nada em tentar.

A chuva engrossara, os transeuntes afadigavam-se e a música festiva escorria dos altifalantes como o latejar de um sonho longínquo. Raras vezes se deixará vencer pelo desânimo, mas agora só lhe restava acolher-se à sua fé.

- Meu Deus, ajudai-me! Não posso desiludir o Francisco...

Entrou no estabelecimento, encharcada por dentro e por fora, arrastando o saco. O portão estava atravancado de velocípedes de cores berrantes e modelos bizarros. Era um mundo desconhecido para a religiosa.

Um homem gordo, de camisa à pescador e barba grisalha, com um cigarro apagado, preso no canto da boca, interpelou-a sem cerimónias:

- Quer alguma coisa?

# 9 - A Palavra

Largo ma non troppo (♩ = 58)

Flautas

Oboés

Clarinetes em Sib

Fagotes

Trompas em Fá

Trompetas em Sib

Trombones

Tímpanos

Harpa

Guitarra de Coimbra

Soprano Solo

Soprano

Alto

Tenor

Baixo

Solo Violino

Violinos I

Violinos II

Violas

Violoncelos

Contrabaixos

+++|+|++ (solo) (Com Sop. S.)

*p espress.*

Ela disse ao que vinha, era Natal, um menino do Lar gostava muito de ter uma bicicleta, e talvez o senhor pudesse...  
O homem cortou-lhe cerce a esperança, cuspiendo o cigarro para a rua: - Nem pense. Quem quer luxos, paga-os!

*p* Há pa -

9

Hp.

S. Solo

Vc.

*pp*

-la - vras va - zi - as sem sen - ti - do, i - nú - teis co - mo fo - lhas mor - tas tão gas - tas que pizz.

18

Hp.

Gtr.

S. Solo

Vc.

Cb.

*mp cantabile*

são a - pe - nas som - bras dum tem - po nau - fra - ga - do.

*pizz.*

*pp*

24

Hp.

Gtr.

Vc.

Cb.

29

Ob.

Hp.

Gtr.

S. Solo

Vc.

Cb.

*p dolce*

*più f*

*mf*

*più f*

Pa - la - vras que per - de - ram a me - mó - ria de - tan - to se - rem di - tas em

36

Ob.

Hp.

Gtr.

S. Solo

Vc.

Cb.

vão tão fú - teis co - mo o li - mo das i - dei - as tra - í - das pe - la hi - po - cri - si - a das

41

42

Ob.

Hp.

Gtr.

S. Solo

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

bo - cas.

*mf* *espress.*

*pizz.*  
*p*

*pizz.*  
*p*

*p*

46

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

51

50

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

51

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mf*

*f*

*mf*

*mf*

*mf con anima*

*mf con anima*

*mf con anima*

arco

arco

arco

Mas há ou - tras co-mo a pa - la - vra Na - tal que re - sis - tem à

Mas há ou - tras co-mo a pa - la - vra Na - tal que re - sis - tem à

arco

*mf con anima*

*mf con anima*

*mf con anima*



62 **Più mosso**

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp. *p solene* 1. *poco più f*

Tpt. *p solene* *poco più f*

Trb. *p solene* 1. *poco più f*

Timp.

Hp. *f* D<sup>2</sup> G<sup>2</sup>

S. Solo

S. *f* *p solene* *poco più f*  
 -tre - - - las. Pa - la - vra, ros - to de Cris - to gra - va - da no pór - ti - co

A. *f* *p solene* *poco più f*  
 -tre - - - las. Pa - la - vra, ros - to de Cris - to gra - va - da no pór - ti - co

T. *p solene* *poco più f*  
 Pa - la - vra, ros - to de Cris - to gra - va - da no pór - ti - co

B. *p solene* *poco più f*  
 Pa - la - vra, ros - to de Cris - to gra - va - da no pór - ti - co

**Più mosso**

Solo Vln.

Vln. I *f*

Vln. II *f*

Vla. *f*

Vc. *f*

Cb. *f*



71

Fl. *p*

Ob. *mf* 1.

Cl. *p* 1. *mf* a 2. *p*

Fg. *mf* *mf*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. *mf* Quem

A. *mf* Quem pas - sa

T. *mf* Quem pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem, quem

B. *mf* Quem pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem,

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

de ca - da di - a:

de ca - da di - a:

de ca - da di - a: Quem pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem, quem

de ca - da di - a: Quem pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem,

79

Fl. *cresc.* *f*

Ob. *cresc.* *f*

Cl. *cresc.* *f*

Fg. *cresc.* *f*

Trp.

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. *cresc.*  
pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem per - deu - se de si no si -

A. *cresc.*  
e não sen - te es - ta men - sa - gem, quem pas - sa. per - deu - se,

T. *cresc.*  
pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem per - deu - se de si no si -

B. *cresc.*  
quem pas - sa e não sen - te es - ta men - sa - gem per - deu - se,

Solo Vln.

Vln. I *f*

Vln. II *f*

Vla.

Vc. *f*

Cb. *f*

85

Fl. *mp cresc. poco a poco*

Ob. *p cresc. poco a poco*

Cl. *mp cresc. poco a poco*

Fg. *p cresc. poco a poco*

Trp. 1. *p cresc. poco a poco*

Tpt.

Trb.

Timp.

Hp.

S. Solo

S. *p cresc. poco a poco*  
-lên - cio das tre - vas, per - deu - se, per -

A. *p cresc. poco a poco*  
das tre - vas, per - deu - se, per -

T. *p cresc. poco a poco*  
-lên - cio das tre - vas, per - deu - se,

B. *p cresc. poco a poco*  
das tre - vas, per - deu - se,

Solo Vln.

Vln. I *p cresc. poco a poco* div.

Vln. II *p cresc. poco a poco*

Vla. *p cresc. poco a poco*

Vc. *p cresc. poco a poco*

Cb. *p cresc. poco a poco*

89

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp. a 2

Tpt.

Trb. a 2

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*ff*

*ff*

*ff*

*ff*

*ff*

*f* *cresc.*

*mf* *cresc. poco a poco*

*ff*

*ff*

*ff*

*sfz*

*ff*

deu - se, per - deu - se de si

deu - se, per - deu - se de si

per - deu - se de si

per - deu - se de si

*ff*

*ff*

*ff*

*ff*

94 **Tempo primo** *rall.* **A tempo**

Hp. *p*

S. Solo *p dolce*

S. *pp*

A. *pp*

T. *pp*

B. *pp*

Vc. **Tempo primo** *rall.* **A tempo** *pizz.* *pp*

Mas há ou - tras co-mo a pa-la-vra Na

no si - lên - cio das tre - vas.

no si - lên - cio das tre - vas.

no si - lên - cio das tre - vas.

no si - lên - cio das tre - vas.

106 **D#**

Hp.

S. Solo

Vc.

- tal que re - sis - tem à e - ro-são do ol - vi - do e per-ma - ne-cem ten-sas lu - mi - no - sas

114 **G#**

Hp.

S. Solo *p*

Vc.

co - mo a pu - ra a - le - gri - a das es - tre - - las. Ah!

118 **pp**

Hp. **pp**

S. Solo

S. *pp*

A. *pp*

Ah!

Ah!

A Irmã Teresa regressa a casa. Carrega o saco das prendas, mas o que mais lhe pesa é a frustração do Francisco. Coitado, devia ser um desejo antigo, do tempo em que ainda vivia na aldeia, antes de se perder na cidade grande. Vai ficar com esse recalçamento para o resto da vida, como aconteceu ao senhor Arnaldo.

O Senhor Arnaldo era um comerciante de brinquedos, e todos os anos, pelo Natal, contribuía generosamente para enfeitar o presépio do Lar. Bom homem, mas dado à bebida e ao jogo. Falira, e estava agora na Casa dos Pobres, velho, doente e sem família, a jogar a última cartada com a vida. Também ele sonhara com uma bicicleta em sucessivos Natais da infância. E ficou-lhe sempre aquela ferida a suturar, maldizendo o pai, que não pôde, ou não quis, realizar o seu sonho de menino.

A freira resolveu visitá-lo. Não custa muito, fica no caminho, e sempre lhe leva algum alento. E o terceiro Natal que o Senhor Arnaldo vai passar na clausura fria daquelas paredes centenárias, onde outrora funcionou a Inquisição, e que ainda agora ressumam de humidade, as lágrimas perpétuas dos antigos supliciados.

No pequeno átrio, um pinheiro iluminado não chega para dissipar as sombras do passado. Desembaraça-se do saco e entra no dormitório. Conhece os cantos da casa e aquele odor à velhice sem esperança. Ao menos, no Lar, só havia crianças. Embora carenciadas, tinham a vida toda à sua frente. Aqui é o espectro da morte que vigia, como um antigo delator do Santo Ofício, os gestos dos asilados.

O Senhor Arnaldo dormita, meio deitado, meio sentado, como é seu costume, por causa da tensão alta. O vizinho folheia uma revista, sentado na cama. Do fundo da camarata vem um ressonar de maré cheia, que mais parece um gemido.

O velho comerciante adivinhou a aproximação da amiga e abriu os olhos fatigados. Sorriu, como se ela trouxesse a cura dos seus males.

- Estava à sua espera, Irmã!

- Vim fazer-lhe uma visitinha - e apertou-lhe cordialmente as mãos.

- Estava à sua espera, porque há dias joguei na rifa de Natal, sabe, uma espécie de loto...

- Sempre o jogo, meu amigo, sempre o jogo...

- Pois veja o que me aconteceu, algum dia tinha que acontecer, eu sabia...

- Então? - e a freira voltou a acariciar-lhe as mãos, num gesto solidário, bordejado por um largo sorriso.

- Saiu-me uma bicicleta! Uma bicicleta, ouviu bem?

- Meu Deus! - e o sorriso iluminou-se numa prece de agradecimento.

- Está ali! Leve-a para o seu presépio...

# 10 - Oração

Festivo (♩ = 72)

The musical score is arranged in a standard orchestral format. The instruments and voices are listed on the left side of the page, with their corresponding staves on the right. The score is in 6/8 time and has a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked as 'Festivo' with a quarter note equal to 72 beats per minute. The dynamics range from *mp* (mezzo-piano) to *f* (forte). The woodwinds (Flautas, Oboés, Clarinetes em Sib, Fagotes) play a melodic line with a long slur. The strings (Violinos I, Violinos II, Violas, Violoncelos, Contrabaixos) play a rhythmic accompaniment with a *pizz.* (pizzicato) marking. The guitar (Guitarra de Coimbra) and harp (Harpa) provide harmonic support. The vocal parts (Soprano Solo, Soprano, Alto, Tenor, Baixo) are currently silent. The accordion (Acordeão) plays a rhythmic accompaniment. The percussion (Tímpanos, Tubular Bells) is also silent.

Piccolo

Flautas

Oboés

Clarinetes em Sib

Fagotes

Trompas em Fá

Trompetes em Sib

Trombones

Tubular Bells

Tímpanos

Harpa

Guitarra de Coimbra

Soprano Solo

Soprano

Alto

Tenor

Baixo

Acordeão

Violinos I

Violinos II

Violas

Violoncelos

Contrabaixos

BS or BC

pizz.

Festivo (♩ = 72)

8

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*mp grazioso*

F# ..... F#



15

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

D#

G#

D#

G#

21

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

Vem, vem, vem, vem, Je-sus Me - ni - no res-ga - tar a es-pe - ran - ça des-te

Vem, vem, vem, vem, Je-sus Me - ni - no res-ga - tar a es-pe - ran - ça des-te

Vem, Je-sus Me - ni - no, Vem, Je-sus Me - ni - no, Vem, Je-sus Me - ni - no,

Vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem,

div. arco

arco

arco

arco

arco

f

f

f

f

f

28

Fl.  
Ob.  
Cl.  
Fg.  
Trp.  
Tpt.  
Trb.  
Tub. B.  
Timp.  
Hp.  
Gtr.  
S.  
A.  
T.  
B.  
Acord.  
Vln. I  
Vln. II  
Vla.  
Vc.  
Cb.

tem-po ven-ci-do pe-lo mal. Vem, vem, vem: quan-do to-car o si-no, vem, vem, vem, que-ro vol-tar a cri-an-ça e sen-tir ou-tra

tem-po ven-ci-do pe-lo mal. Vem, vem, vem: quan-do to-car o si-no, vem, vem, vem, que-ro vol-tar a cri-an-ça e sen-tir ou-tra

Vem, Je-sus Me-ni-no, Vem, Je-sus Me-ni-no, Vem, Je-sus Me-ni-no,

vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem,

34 **35**

Fl. *mf*

Ob.

Cl. *mf*

Fg. *mf*

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B. *mf*

Timp.

Hp.

Gtr.

S. (Palmas) 7

A. vez que é Na - tal. (Palmas) 7

T. vez que é Na - tal. (Palmas) 7

B. Vem, que é Na - tal. (Palmas) 7

vem, que é Na - tal.

Acord. *f*

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

41

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

CL

CL

CL

CL

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*grazioso*

*grazioso*

48

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

D#

G#

D#

52

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S.

A.

T.

B.

Acord.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

56

56 **Meno mosso**

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

*p*

*simile*

G#

G#

S. Solo

*p*

56

Vem, se-re-no pas - tor, Vem de man - si - nho Co-mo quem a - cen - de a luz do

**Meno mosso**

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

solo

*p* *espress.*



65

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. Solo

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

*poco più f*

*simile*

di - a. Vem: que a paz e o a - mor se - jam o

*p grazioso*

pizz.

*p*

pizz.

*p*

pizz.

*p*

*grazioso*

pizz.

*mf*

69

Fl. *p dolce*

Ob.

Cl. *p dolce*

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. Solo  
pão e o vi - nho da no - va e fra - ter - na eu - ca - ris - ti - a.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc. *tutti pizz. p*

Cb.

73

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

Solo Vln.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

Vem: que a paz e o a - mor se - jam o

*pp*

ô, ô,

*pp*

ô, ô,

solo arco

E $\flat$  E $\sharp$  G $\sharp$

b

76

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

S. Solo

S.

A.

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

pão e o vi - nho da no - va e fra - ter - na eu - ca - ris - ti - a.

ô, da no - va e fra - ter - na eu - ca - ris - ti - a.

ô, da no - va e fra - ter - na eu - ca - ris - ti - a.

tutti pizz.

*f* *gl/iss.*

80

Tempo primo

Fl.

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr.

S. Solo

S.

A.

T.

B.

Vem, vem, vem, vem, Je-sus Me - ni - no res-ga - tar a es-pe - ran - ça des-te tem-po ven-ci-do pe-lo mal. Vem, vem,

Vem, vem, vem, vem, Je-sus Me - ni - no res-ga - tar a es-pe - ran - ça des-te tem-po ven-ci-do pe-lo mal. Vem, vem,

Vem, Je-sus Me - ni - no, Vem. Je-sus Me - ni - no, Vem, Je-sus Me - ni - no, Vem, Je-sus Me - ni - no,

Vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem,

Tempo primo

80

div. arco

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

arco

arco

arco

arco



96

Picc. *f*

Fl. *f*

Ob. *f*

Cl. *f*

Fg. *f*

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B. *f*

Timp.

Hp. *gliss.*

Gtr. *f*

S. Solo

S. *vem, Je-sus Me - ni - no res - ga - tar a es - pe - ran - ça\_\_\_ des - te tem - po ven - ci - do pe - lo mal. Vem, vem, vem: quan - do to - car o si - no, vem, vem,*

A. *vem, Je-sus Me - ni - no res - ga - tar a es - pe - ran - ça\_\_\_ des - te tem - po ven - ci - do pe - lo mal. Vem, vem, vem: quan - do to - car o si - no, vem, vem,*

T. *Vem. Je - sus Me - ni - no,\_\_\_ Vem, Je - sus Me - ni - no,\_\_\_ Vem, Je - sus Me - ni - no,\_\_\_ Vem, Je - sus Me - ni - no,\_\_\_*

B. *vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem,*

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.





111

Picc. (tr)

Fl. (tr)

Ob.

Cl.

Fg.

Trp.

Tpt.

Trb.

Tub. B.

Timp.

Hp.

Gtr. *ff*

S. Solo

S. -ni - no res - ga - tar a es - pe - ran - ça des - te tem - po ven - ci - do pe - lo mal. Vem, vem, vem: quan - do to - car o si - no, vem, vem,

A. -ni - no res - ga - tar a es - pe - ran - ça des - te tem - po ven - ci - do pe - lo mal. Vem, vem, vem: quan - do to - car o si - no, vem, vem,

T. -ni - no res - ga - tar a es - pe - ran - ça des - te tem - po ven - ci - do pe - lo mal. Vem, vem, vem: quan - do to - car o si - no, vem, vem,

B. -ni - no, Vem, Je - sus Me - ni - no, Vem, Je - sus Me - ni - no, Vem, Je - sus Me - ni - no,

Acord. *Bellow shake*

Vln. I

Vln. II

Vla.

Vc.

Cb.

118

Picc. Fl. Ob. Cl. Fg. Trp. Tpt. Trb. Tub. B. Timp. Hp. Gtr. S. Solo S. A. T. B. Acord. Vln. I Vln. II Vla. Vc. Cb.

vem, que-ro vol - tar a cri - an - ça e sen - tir ou - tra vez que é Na - tal.

vem, que-ro vol - tar a cri - an - ça e sen - tir ou - tra vez que é Na - tal.

vem, que-ro vol - tar a cri - an - ça e sen - tir ou - tra vez que é Na - tal.

Vem, Je - sus Me - ni - no, — Vem, que é Na - tal.

vem, vem, vem, que é Na - tal.

unis.

126

Picc. *p cresc. molto* *ff*

Fl. *p cresc. molto* *ff*

Ob. *p cresc. molto* *ff*

Cl. *p cresc. molto* *ff*

Fg. *p cresc. molto* *ff*

Trp. *p cresc. molto* *ff*

Tpt. *p cresc. molto* *ff*

Trb. *p cresc. molto* *ff*

Tub. B. *p cresc. molto* *ff*

Timp. *p cresc. molto* *ff*

Hp. *ff*

Gtr. *ff*

CL *ff*

Acord. *p cresc. molto* *ff*

Vln. I *p cresc. molto* *ff*

Vln. II *p cresc. molto* *ff*

Vla. *p cresc. molto* *ff*

Vc. *p cresc. molto* *ff*

Cb. *p cresc. molto* *ff*

Partes Cavalas Orquestra e Coro (Códigos QR)  
*Orchestral material and Choral Score (QR Codes)*  
Orchestermaterial und Chorpartitur (QR-Codes)

Fl.



Trb.



Acord.



Ob.



Tub. B.



Vln. I



Cl.



Timp.



Vln. II



Fg.



Hp.



Vla.



Trp.



Gtr.



Vc.



Tpt.



S. Solo, SATB



Cb.



S. Solo, SATB, Redução para piano/*Piano vocal score*/ Klavierauszug





9 789892 624594



PARCEIRO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

1 2



9 0



IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS